

O AUTISMO HOJE e SEUS MAL-ENTENDIDOS

conversação clínica de salvador

COMENTÁRIOS DE ÉRIC LAURENT



ordina machado e cristina Drummond (orgs.)



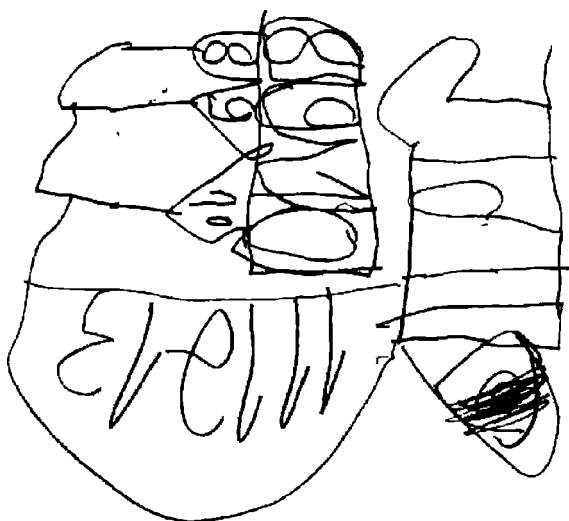
Escola Brasileira
de Psicanálise




SCRIPTUM

O AUTISMO HOJE e SEUS MAL-ENTENDIDOS: CONVERSAÇÃO CLÍNICA DE SALVADOR

COMENTÁRIOS DE ÉRIC LAURENT



ONDINA MACHADO e CRISTINA DRUMMOND (ORGS.)

 Escola Brasileira
de Psicanálise


SCRIPTUM

Organização:

Ondina Maria Rodrigues Machado e Cristina Drummond.

Transcrições:

Ana Martha Maia, Cristina Drummond, Cristina Vidigal e Vicente Gaglianone.

Comentadores:

Célia Salles, Heloisa Prado Telles, Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, Tânia Abreu.

Cartéis participantes:

Cartel "A clínica do autismo" (EBP-São Paulo)

Rômulo F. da Silva (mais-um), Heloisa Prado Telles, Rosângela Correia, Siglia Leão e Valéria Ferranti.

Cartel "O que a orientação lacaniana trata como autismo?" (EBP-Bahia)

Tânia Abreu (mais-um), Luiz Mena, Patrick M. A. Magalhães, Luciana C. Souza e Alice M. Cardoso.

Cartel "Autismo" (EBP-Bahia)

Célia Salles (mais-um), Analicea Calmon, Bernardino Horne, Fátima Sarmento, Mônica Hage, Lucy de Castro.

Cartel "O que o autismo nos ensina" (EBP-Rio)

Ana Martha Maia (mais-um), Ana Beatriz Freire, Aslea Gama e Silva, Jeanne Marie de Leers Costa Ribeiro, Maria Inês Lammy.

Cartel "Autismo" (EBP-Santa Catarina)

Cynthia Busato (mais-um), Jussara Bado, Mariana Zelis e Marise Pinto.

Participação institucional:

CIEN- Brasil – Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Criança

Nova Rede CEREDA - Brasil – Centro de Estudo e de Pesquisas sobre a Criança no Discurso Analítico.

Comissão Organizadora da Conversação:

Cristina Drummond, Paula Borsoi, Cristina Vidigal, Fernanda Ottoni de Barros-Brisset, Heloisa Prado Telles, Lilany Pacheco, Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, Ondina Machado e Tânia Abreu.

Diretoria da EBP:

Cristina Drummond – Diretora geral, Ondina Machado – Diretora-secretária, Lilany Pacheco – Diretora-tesoureira.

Conselho da EBP:

Fátima Sarmento, Luiz Fernando Carrijo da Cunha, Marcelo Veras, Marcus André Vieira (Presidente),

Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros, Ram Avraham Mandil, Rômulo Ferreira da Silva,

Rosane Vieira da Cunha Fonte, Sérgio Passos Ribeiro de Campos e Simone Oliveira Souto.

Revisão da Língua Portuguesa:

Luciana Lobato.

Projeto gráfico, capa e diagramação:

Fernanda Moraes.

Produção gráfica:

Silvano Moreira.

Divulgação:

Jefferson Ubiralan.

Machado, Ondina Maria Rodrigues; Drummond, Cristina (Orgs.).
O autismo hoje e seus mal-entendidos: conversação clínica de Salvador /
Ondina Maria Rodrigues Machado / Cristina Drummond (Orgs.).
Belo Horizonte. Scriptum Livros, 2013.
72p.

I. Psicanálise.

ISBN 978-85-89044-66-0

CDU: 616.89

CDD: 616.8917

Livraria e Editora Scriptum

;Rua Fernandes Tourinho, 99

Savassi | Belo Horizonte | MG

55 | 31 | 32 23 17 89

E-mail: scriptum@scriptum.com.br

Escola Brasileira de Psicanálise (EBP)

Rua Felipe dos Santos, 588

Lourdes | Belo Horizonte | MG

55 | 31 | 32 92 75 63

www.ebp.org.br

Biblioteca Universitaria

44 / 12 / 16

Reg.: 213151607

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 7

Cristina Drummond

ABERTURA 9

Salvador, novembro, 2012

Paula Borsoi

AS PEGADAS DE JOÃO:

A CONSTITUIÇÃO DE UMA BORDA E A CONEXÃO AO OUTRO 13

Suzana Faleiro Barroso

O AUTISMO E O FEMININO 21

Vicente Machado Gaglianone

UM CASO DE UM JOVEM AUTISTA 35

Ana Beatriz Freire

BORDAS SOB TRANSFERÊNCIA 47

Cristina Vidigal

INTRODUÇÃO

Cristina Drummond

Todos nós que já nos deparamos com um sujeito autista sabemos que eles nos apresentam um real de difícil acesso. A particularidade desses sujeitos não passa despercebida. O significante autismo se tornou, na atualidade, um significante que provoca muito interesse, principalmente por parte da mídia, e que reúne, sob sua égide, uma grande diversidade: crianças psicóticas, débeis, precárias, estranhas, silenciosas, solitárias, assim como aquelas que são efetivamente autistas.

A clínica psicanalítica exige um rigor e referentes que nos façam localizar a resposta particular de cada sujeito ao que Éric Laurent chamou, em sua conferência, neste Encontro Brasileiro, de programa de gozo, que cada um recebe quando nasce. Trata-se sempre de uma escolha, e o autismo é uma das respostas possíveis do sujeito. Vamos ver, mais de perto, em que consiste essa resposta.

Esta Conversação faz parte de um tempo, no trabalho que ocorre nas Escolas da Associação Mundial de Psicanálise, que busca aprofundar e investigar a questão do tratamento psicanalítico do autismo. Sabemos que há, por todos os lados, um ataque à psicanálise, e que um dos pontos em que esse ataque se faz muito evidente é no tratamento dos autistas. Foi por isso que Jacques-Alain Miller traçou um plano de ações também em relação a essa questão, para que a orientação lacaniana ocupe, na atualidade, o seu lugar.

A batalha do autismo, diz Éric Laurent, com quem temos o privilégio de conversar, hoje, sobre esse tema, é uma batalha pela diversidade. Isso porque o espectro do autismo é vasto, e porque é

fundamental manter uma pluralidade de abordagens e uma interlocução ampla com pessoas vindas de distintos universos, tanto para as pessoas autistas, como para seus pais. Para nós, psicanalistas lacanianos, é uma batalha para dar lugar ao sujeito e para fazer a psicanálise conversar com outros campos de saber.

É também uma batalha para deixar evidente o que é a orientação laciana e, para além de seu aspecto ético e epistêmico, sustentar a afirmativa de que o autismo é um sintoma político de nosso século. Esta Conversação é, portanto, uma discussão que vai da clínica à política e retorna no sentido inverso. Ela toca o coração de nossa prática e interroga a contribuição da psicanálise à leitura desse real. Ela quer deixar evidente o que é um tratamento psicanalítico de um sujeito autista e os efeitos que essa experiência produz.

Em vários lugares onde nossa Escola está presente, temos desenvolvido discussões sobre o autismo, participado de fóruns e jornadas, em uma interlocução com colegas e serviços que se ocupam desses sujeitos. Temos também lutado contra movimentos que querem recusar o tratamento psicanalítico do autismo e buscamos deixar claro em que consiste a nossa prática.

A existência da psicanálise, no século XXI, é uma consequência do discurso que nossa comunidade sustenta. E esta Conversação faz parte desse compromisso.

Muito obrigada aos colegas que se dispuseram a nos apresentar seus casos clínicos, aos que se ocuparam em lê-los, e muito obrigada a Éric Laurent, por sua generosidade em compartilhar conosco esse trabalho, que, seguramente, produzirá efeitos de formação sobre cada um de nós.

ABERTURA

Salvador, novembro, 2012

Paula Borsoi

A clínica psicanalítica com os autistas leva em conta as soluções singulares escolhidas pelo sujeito para existir, enfatizando seu trabalho sutil de construção. Acompanhar esse trabalho, com suas particularidades, ensina muito aos analistas e, por isso, é importante para a formação analítica, na medida em que essa clínica amplia e renova os conceitos, exigindo uma nova articulação entre teoria, clínica e política.

Ao sairmos em defesa da clínica psicanalítica do autismo, temos a oportunidade de atualizar a própria clínica, que, por sua vez, foi iniciada por Lacan, em 1932, por meio, justamente, de um programa de investigação sobre as psicoses.

Há muitos anos, a orientação lacaniana, sustentada por Jacques-Alain Miller, promove uma renovação constante na formação dos analistas do Campo Freudiano. Trata-se de uma clínica que não se reduz ao trabalho com crianças e adolescentes, mas que diz respeito à própria clínica psicanalítica. Ao promover a articulação entre política e clínica, aposta no caso a caso, na singularidade da solução sintomática de cada um, exigindo do analista estar preparado para enfrentar os desafios clínicos do nosso tempo, pela via de um trabalho sem padronizações.

O tratamento psicanalítico dos autismos vive um momento crucial. É uma situação que diz respeito tanto à sustentação do trabalho clínico com esses sujeitos e suas famílias, quanto à pertinência da presença da psicanálise no mundo de hoje.

Em uma conversação, temos a oportunidade de verificar, por meio dos casos clínicos, da demonstração das invenções singulares de cada sujeito, como cada um pôde fazer algo com o insuperável do significante em sua dimensão material. Quando nos colocamos disponíveis para escutar o que os autistas podem-nos dizer, temos a oportunidade de testemunhar o trabalho incansável de um sujeito para se defender dos efeitos de horror produzidos pela linguagem. Essas manifestações se fazem perceber tanto pelo mutismo quanto pelo uso muito particular da língua.

Temos acompanhado a luta feroz da agência reguladora de serviços de saúde da França para não recomendar e não validar o tratamento psicanalítico nos casos de autismo, assumindo uma posição francamente contrária à psicanálise. No Brasil, a situação não é exatamente a mesma, pois a questão não é tanto de exclusão da psicanálise como modo de tratamento clínico. Aqui, trata-se mais da exclusão da própria abordagem clínica da criança autista. A lei que tramita no Congresso Nacional apresenta dois problemas: pretende incluir a criança autista na categoria de deficiente e privilegia o “tratamento educativo”. Ainda assim, nosso país assume uma posição interessante, se comparado a outros que afirmam ser o autismo genético, ou seja, que não reconhecem nenhuma particularidade subjetiva nessas crianças.

A lei brasileira recomenda que os autistas sejam assistidos por equipes multidisciplinares, o que abre uma brecha para psicanalistas sustentarem o trabalho clínico com esses sujeitos, nos serviços públicos de saúde mental.

Sabemos que muitos analistas da EBP trabalham nessas equipes com a orientação lacaniana, não sem dificuldades, mas cabe a nós, que somos afetados pela causa analítica, sustentá-la e fazer com que, cada vez mais, possamos demonstrar sua eficácia. Temos uma tarefa difícil nesses ambientes, onde o discurso analítico circula entre vários outros, mas não devemos recuar. Precisamos estar lá para, com firmeza e docilidade, demonstrar como a

psicanálise pode estar presente em uma abordagem clínica multidisciplinar.

Esta Conversação sobre o autismo, em torno da qual estamos reunidos, é o segundo encontro que acontece, no Brasil, com a presença de Éric Laurent, e pretende fazer parte de uma série viva e forte, demonstrando a presença da orientação lacaniana nos vários lugares onde essa clínica é sustentada. Pretendemos também dar a conhecer o que a psicanálise e os psicanalistas sabem sobre os autismos, como trabalham e também seus fracassos.

Essa é uma política que, mais que nunca, é preciso afirmar, pois é nossa a responsabilidade de sustentá-la. É essa a orientação que Éric Laurent nos dá, ao defender, ele mesmo, e de modo incansável, que o autista tem uma posição subjetiva primordial.

Após a conferência sobre o autismo, que Laurent apresentou nos dias que antecederam o V Enapol, foi iniciado, na EBP – Rio, um movimento mais articulado com os analistas que estudam e trabalham com essa clínica. São analistas que entendem que a questão do autismo é muito mais ampla, já que ela se refere à resposta da psicanálise e dos psicanalistas às questões cruciais da clínica atual.

Para a Conversação a que hoje daremos início, foi montada uma comissão nacional, que reuniu as iniciativas epistêmicas e clínicas de toda a EBP, tais como atividades e encontros em que ocorrem discussões clínicas e políticas, cartéis e núcleos de pesquisa, articulando, portanto, a Escola Brasileira de Psicanálise e os Institutos do Campo Freudiano.

Agradeço muito à comissão organizadora desta Conversação, composta por Tânia Abreu, Heloísa Telles, Cristina Vidigal, Célia Salles, Maria do Rosário e Fernanda Ottoni de Barros-Brisset, que, de vários lugares do Brasil e com as mais variadas formas de organização, enviaram contribuições, em forma de trabalhos, ideias e questionamentos, que funcionaram como uma grande e intensa produção. Agradeço à diretoria nacional da EBP: Cristina Drummond, Ondina Machado e Lilany Pacheco, que acolheram, imediatamente, a pro

posta, participaram, ativamente, da comissão organizadora e, junto conosco, se envolveram no trabalho.

Com essa experiência, aprendi, vivamente, que cada um, com seu modo próprio de fazer as coisas acontecerem, pode criar um turbilhão de desejo muito fecundo. Obrigada a Marcelo Veras e à comissão organizadora deste Encontro Brasileiro, que não mediram esforços para viabilizar nossa Conversação.

Tânia Abreu, nossa colega e uma das organizadoras do Encontro Brasileiro, teve a ideia formidável de sugerir que os cinco cartéis, atualmente em funcionamento, na Escola, e que exploram o tema do autismo, lessem os quatro casos que serão apresentados e formulassem questões para iniciar nosso debate.

Assim, agradeço ao trabalho dos cartelizantes que compõem esses cartéis em funcionamento nas Seções São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Bahia.

Agradeço, imensamente, a Éric Laurent, por ter aceitado o convite, por sua generosidade e disposição de sempre. Agradeço também por suas preciosas orientações e, sobretudo, por sua decisão de não recuar diante dos ataques sofridos pela psicanálise. Com seu modo firme e sereno, ele nos ensina a criar espaços que ampliam a conversa.

Vamos trabalhar com duas sequências de casos. O autor de cada caso lerá seu texto e, ao final de cada sequência, um membro da comissão organizadora fará as perguntas propostas pelos cartéis. Em seguida, Laurent apresentará seus comentários. Cada sequência durará uma hora.

Na primeira sequência, teremos o caso apresentado por Suzana Faleiro, e as questões serão propostas por Tânia Abreu. Depois, Vicente Gaglianone apresentará o segundo caso, e Célia Salles proporá as questões.

Na segunda sequência, o primeiro caso será apresentado por Ana Beatriz Freire, e as questões, propostas por Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros. A seguir, teremos o caso apresentado por Cristina Vidigal e as questões trazidas por Heloísa Telles.

AS PEGADAS DE JOÃO: A CONSTITUIÇÃO DE UMA BORDA E A CONEXÃO AO OUTRO

Suzana Faleiro Barroso

Início minha participação, nesta Conversação, descrevendo como João chegou ao tratamento. Em uma das suas primeiras sessões, assim que abri a porta, o menino, que estava no colo de sua mãe, na sala de espera, jogou-se, imediatamente, sobre o corpo da analista, como se este fosse uma extensão do seu, o que, certamente, implicava a sua desconexão com a dimensão do Outro. Ao demonstrar a intenção de tomar um objeto sobre o armário ao lado do qual a analista estava assentada, e por não o alcançar, o menino subiu sobre seu corpo. Com uma agilidade extraordinária, colocou-se sobre as suas costas, acomodou-se em torno do seu pescoço, para então estender o próprio braço e alcançar o objeto do seu interesse, como se não houvesse dois corpos no espaço.

O espaço do autista não se estrutura segundo a lógica simbólica do *fort-da*, no qual a criança joga com o intervalo, colocando-se à distância do objeto que lhe foi destacado do corpo pela ação do significante. O fora-do-discurso do autista impede a queda do objeto e suspende o intervalo entre os significantes. A não incorporação da linguagem penaliza a construção da espacialidade, que requer o funcionamento da lógica do significante. Além disso, como obter uma limitação do gozo que invade o corpo, sem o recurso das coordenadas fálicas?

João parou de falar logo depois de iniciar-se no uso das palavras, por volta de um ano e meio. Isolado, não suportava a proximidade das outras crianças, o que se agravava sempre que era

demandado a ficar em uma fila ou rodinha. Não inseria seu corpo entre um corpo e outro dentre seus pares. Por não ter sofrido a incidência do discurso do mestre sobre *alíngua*, o corpo do autista não se inscreve em um discurso e pode permanecer à deriva do gozo infinito.

A obtenção da consistência corporal depende de um trabalho constante de ciframento do gozo. A psicanálise orientada a partir do real aposta nas contingências propiciadoras da escrita do que não cessa de não se inscrever. É o que demonstra o caso de João, depois de dois anos de análise. Durante o primeiro ano, o menino se interessou, sobretudo, pelos objetos do consultório, inaugurando um deslocamento desses objetos da sessão para sua casa, e vice-versa. Agarrava os objetos na hora de ir embora, desesperadamente, e os levava, demonstrando a impossibilidade da operação de separação constitutiva do sujeito.

Segundo Éric Laurent, a construção de uma borda permite circunscrever o gozo. O franqueamento da borda implica uma cessão de objeto, isto é, uma cessão do excedente de gozo capaz de deslocar o limite da borda autística. No tratamento psicanalítico, o deslocamento da defesa autística supõe a ética do singular. Para que essa operação não seja invasiva para o sujeito, é preciso um acontecimento de corpo considerado como extração de gozo e não como um efeito de significação. “O sujeito conseguindo ceder qualquer coisa da carga de gozo que afeta seu corpo e sem que essa cessão de gozo lhe seja por demais insuportável”.¹ O deslocamento da borda é correlato de uma inserção do sujeito no campo do Outro.

Ao levar e trazer brinquedos de casa para o consultório e vice-versa, ilustrando a figura lacaniana do psicótico com seus objetos no bolso e não inscritos no campo do Outro, João deu chance à analista de introduzir um menos de objeto extraído da sessão, pois nem todos lhe eram permitidos, nessa operação. Ele encontrava, então, uma perda, no final de cada sessão; as lágrimas caíam copiosamente. Depois de viver, repetidamente, essa perda, João vai ceder

os objetos, por exemplo, ao estender os braços para trás, deixando-os cair, antes de ir embora. No lugar do “objeto perdido”, surgiu o engajamento libidinal do olhar. Utilizando-se de um cinzeiro de cristal como um tipo de anteparo colocado diante dos olhos, para ver, João enunciava, jubilosamente, a expressão – “olha!” – apontando e nomeando o que era de seu interesse.

Após um ano de sessões semanais, uma brincadeira típica da época da páscoa permitiu a João servir-se de um signo propiciador do acontecimento de corpo e da constituição de uma borda. Depois de seguir o desenho das marcas das patas do coelhinho da páscoa até o esconderijo dos ovos, ele vai-se interessar pelas “pegadas” dos animais e depois pelas dele próprio. Desde então, “pegadas” passa a ser a palavra enunciada pelo menino, ao sustentar a construção de uma borda entre ele e o mundo, entre seu corpo e o chão. Nas sessões seguintes, quis fazer pegadas, pedindo à analista que desenhasse, em um quadro, o contorno de seus pés, das mãos e depois da cabeça. A imagem lhe socorreu no ponto onde não havia nenhum limite entre o corpo do sujeito e o do Outro.

Trabalhando com massa plástica, fabricava pegadas de dinossauros e de outros bichos. Brincando, João saía das sessões pisando sobre os quadradinhos pretos desenhados no piso branco que dá acesso ao consultório. O menino consentiu, portanto, em pegar algo da língua do Outro, operação que inaugurou uma nova relação com o espaço e com o corpo. Passou a falar algumas palavras, articular pequenas frases, porém demonstrando ainda a falta do precioso intervalo entre os significantes, no seu modo de apelo ao Outro, ao chamar “paimão”.

Participação dos Cartéis

Comentadora: Tânia Abreu

Tânia Abreu – Agradecemos à Suzana Faleiro Barroso por seu belo trabalho, e, como Paula já havia anunciado, os casos foram distribuídos aos cartéis nacionais, e levantamos algumas questões para que Laurent soubesse como andam as reflexões e o interesse da comunidade brasileira sobre o autismo. Em Salvador, formamos três cartéis, além dos dois já declarados. Gostaria de registrar a presença, aqui, na sala, de pessoas que trabalham com o autismo, que convidamos e que atenderam ao nosso chamado, para que viessem dialogar conosco e para que pudessem saber um pouco sobre nossa prática com os sujeitos autistas.

As questões levantadas não foram endereçadas à autora do caso, mas à Conversação, e são as seguintes:

– Qual é a relação entre a queda do objeto, que você já colocou entre aspas, que sabemos que não ocorrerá de fato, e a possibilidade do aparecimento do intervalo entre os significantes, que você destaca quando o menino fala “paimãe”, tudo junto?

– A construção do corpo, no autismo, sem as coordenadas fálicas, pode ocorrer quando há uma cessão de excedente de gozo, já que não há cessão de objeto? Será que só o ciframento do gozo, desvinculado do imaginário e do simbólico, constrói o corpo? Quando isso acontece, a construção do espaço entre dois, operação da transferência, nessa clínica, podemos dizer que houve extração do objeto?

– Como o imaginário se amarra ao gozo, lugar denominado por Miller de Imagem Rainha? O ponto sobre o qual pedimos um comentário é o relativo ao acontecimento de corpo – também trazido no seu caso – no autismo.

– Como o simbólico aparece nas séries metonímicas?
Como o imaginário se articula?

São tantas perguntas que daria para fazer uma conferência!
Bom, são essas!

Comentários de Éric Laurent

Éric Laurent – Gostaria de fazer algumas perguntas à Suzana. Que idade tinha João quando foi vê-la? Que idade tem agora? Três? Quanto tempo, antes da páscoa de 2012, ele foi procurá-la?

Suzana Faleiro Barroso – Ele foi, pela primeira vez, um ano antes da páscoa de 2012.

Éric Laurent – Na páscoa de 2012, ele estava com quatro anos?

Suzana Faleiro Barroso – Ele fez cinco anos recentemente.

Éric Laurent – Chegou aos quatro anos e agora tem cinco?

Suzana Faleiro Barroso – Chegou aos três anos, aos quatro, ocorreu o episódio da páscoa, e, recentemente, ele fez cinco anos.

Éric Laurent – Quer dizer que transcorreu um ano entre o jogo de levar e trazer os objetos e o choro. Ele passou um ano repetindo esse jogo, até chegar o momento do choro, quando se abriu a possibilidade de deixar o objeto. Portanto, um ano antes de passar à questão das pegadas. Por um ano, ele foi-se desprendendo dos objetos, até poder perder algo em seu corpo, momento marcado pelo choro. Um ano antes de passar ao sofisticado dispositivo das pegadas

do coelho da páscoa, como um objeto dissimulado. Isso é incrível como montagem! Montagem que se inscreve nesse caminho, nesse percurso. Há um trabalho prévio para que o caminho do coelho da páscoa, no qual ele se inscreve, funcione, para ele, como fazendo parte dele mesmo. Era isto o que eu queria precisar: que foi necessário um tempo prévio ao que é uma outra borda, na qual se pode inscrever a condensação “paimãe”.

O que é chamativo, até agora, nesta Conversação, é a diversidade entre o primeiro caso, de um menino de três anos, e o outro, de uma menina de treze anos, ambos têm um contato muito distinto com os analistas e uma maneira especial de dirigir-se a eles. O que chama a atenção, mais além dessa diversidade, é que os dois analistas conseguem realizar uma inserção no mundo desses dois sujeitos; tanto um analista homem quanto uma analista mulher conseguem introduzir-se, de uma maneira muito especial. Em ambos os casos, verifica-se que a inserção não se dá sob a forma de diálogo, sob uma forma na qual as consistências simbólica, imaginária e real estão separadas. O que temos é uma inserção, ao mesmo tempo, imaginária, simbólica e real, enlaçada em continuidade de consistência. Por exemplo, falar com uma criança de três anos, autista, e conseguir deixar-se invadir pela criança que passa sobre os ombros da analista, para recolher um objeto. Trata-se, desde a primeira sessão, de incluir seu corpo em extensão com o dele. E há que se aceitar isso, que é uma primeira inclusão. Primeiro momento, incluir-se assim. Segundo momento, obter a invenção do analista, sua interpretação, do que seria uma cessão de algo; a sua invenção foi vetar o fato de que poderia levar todos os objetos. Poderia levar somente alguns – e é preciso enfatizar o fato de a analista ter conseguido que a criança aceitasse isso. O objeto que ela deixa cair não é um objeto transicional. É uma perda que tem o mesmo estatuto que o choro. É uma perda do corpo mortal. A criança perde as lágrimas e, ao mesmo tempo, deixa cair o objeto, que é, mais ou menos, uma extração corporal da mesma ordem. Há um tempo assim, até que essa perda do

objeto permita à criança fazer coincidir isso com a invenção dos pais, os pais são também muito inventivos.

É verdade que é preciso esperar que a criança chegue aos três, quatro anos, para fazer ovos de páscoa. Mas é verdade que é uma invenção chamativa dos pais, fazer pegadas assim, de um objeto que não existe, até um objeto escondido. Há, em certo nível, esse revés do que ocorre nas sessões. Na sessão, a criança deixa o objeto cair; no jogo inventado pelos pais, a criança o encontra, mas o que é perdido é o coelho da páscoa. E, então, a criança se apodera disso, para fazer pegadas de outros animais, dinossauros, etc. O registro habitual de uma criança, o primeiro animal com o qual a criança tem uma familiaridade, é o dinossauro. Mas, atenção para os que pensam que as crianças são sempre empiristas, que só têm relação com animais que veem. Preferem sim o animal absolutamente desaparecido. E Spielberg entendeu bem isso, o grande sucesso de *Jurassic Park* mostra seu conhecimento profundo da infância. Temos a inclusão dessa criança, que pode, com isso, começar a fazer passar, para dentro do consultório, a invenção dos pais. Em seu caminho ao consultório, reproduz esse percurso e mostra que o incorporou como dispositivo produtivo, algo que pode gerar novas pegadas. Pegadas dentro da sessão analítica. E introduzir, nesse sentido, uma borda na qual o corpo da criança se inscreve, nesse caminho, e não somente ela pode perder alguns objetos, como pode inscrever o corpo produzido em um trajeto novo, que permite, desde a borda, enunciar algo. Não somente o sujeito esquizofrênico, que tem seu centro de linguagem em seu corpo, pode atingir esse ponto. Por exemplo, esse sujeito pode escutar seu braço, sua perna, ou outra parte de seu corpo, falando coisas que só ele pode ouvir. Esse mesmo sujeito esquizofrênico pode querer mutilar-se, porque precisa separar-se desse centro de linguagem, que são esses membros que falam. No entanto, essas duas situações, a do sujeito esquizofrênico e a do autista, não constituem uma mesma coisa. É a partir da borda, na qual o corpo se inscreve, que a criança pode falar, pode enunciar. É com esse apoio

sobre a borda que pode ingressar nesse novo tipo de perda e enunciar significantes assim colapsados, como pai e mãe, que são do mesmo nível que, por exemplo, o objeto, que não são significantes da consistência simbólica. São coisas nas quais há uma dimensão de perda imaginária, de colapso do simbólico e de um campo real, ao mesmo tempo. E será depois de um percurso que poderá diferenciar mais os registros simbólico, imaginário e etc.

Nota

¹ LAURENT, É. (2011) Les spectres de l'autisme. *La Cause Freudienne*, Paris, Navarin, Seuil, n.78, p.63.

O AUTISMO E O FEMININO¹

Vicente Machado Gaglianone

Pequenas retificações – preliminares

Camile tem 13 anos quando chega à Clitop.² Sua mãe, antes de consentir com o tratamento, o que demorou meses, fez uma grande pesquisa na cidade para escolher aquela que seria a instituição mais confiável. Somente após uma longa série de entrevistas, autorizou que o tratamento se iniciasse nos ateliês terapêuticos.

Seus objetos e seu duplo

Camile, ecolalicamente, repete as últimas palavras pronunciadas pelo outro. Imita suas expressões e gestos. Em seu mutismo quase absoluto, experimenta ruídos de um gozo vocal não cifrado pelo significante. Com frequência, masturba-se publicamente. Jamais, em sua ecolalia, fala na primeira pessoa. Dá evidências do desregulamento pulsional do objeto-voz, quando, sistematicamente, tapa os ouvidos, o que vem sempre acompanhado de intensa agitação motora, autoagressividade, causando-lhe ferimentos em seu rosto.

Camile possui objetos acoplados ao corpo, como órgãos suplementares,³ um pequeno radinho de pilha e revistas de celebridades, todas plenas de divisões, marcações e dobraduras sobre as dobraduras.

Saber-não-saber:

A barra no Outro e as condições de uma passagem possível ao sujeito suposto saber

Durante o primeiro ano de tratamento, a saída sintomática da mãe passava sempre pelo saber. Sua pesquisa infinita a propósito da causalidade do autismo, sempre baseada em hipóteses biológicas, forçava a equipe a uma manobra calculada para bem lidar com um real impossível de simbolizar, sob pena de provocar poderosos afetos contratransferenciais.

Parece-me que nós não temos que intervir sobre a questão da causa. A esse respeito, o texto de Éric Laurent, *A criança objeto a liberado*, dá indicações precisas. Frente às associações de pais que reivindicam que os distúrbios de seus filhos sejam definidos somaticamente, ele nos mostra que assim que os psicanalistas lhes opõem a subjetividade, não somente eles entram em pânico como, diz ele, “O efeito de retorno é implacável: o ódio”. Éric Laurent acrescenta que é preciso respeitar esse ponto.⁴

O tempo permitiu que se estabelecesse certa docilidade entre a mãe e a instituição. Pela contingência de uma enunciação, pôde-se instaurar um suposto saber no discurso analítico, que se articulou com o dito: “Bem... Veremos se essa tal de psicanálise pode descobrir algo que eu já não saiba...”. A dimensão da contingência se enodou também a partir de um furo de saber localizado do lado institucional. Angustiadados pelo *non-sens* dos rituais de Camile, os terapeutas puderam, a partir de numerosas reuniões clínicas, construir um saber-não-saber,⁵ condição fundamental para que o trabalho prévio de Camile pudesse ter um lugar de enunciação. A partir do contexto de um germe de enunciação, pôde ter lugar um trabalho analítico.

Camile é uma outra:

A instância da letra e a função do duplo

Ao me apresentar a ela, chamo-a por seu nome: Camile! Ao que ela responde: Camila! Acolho, então, sua demanda: Entendido, Camila! Durante as sessões, Camila me pedia que eu lesse o que se escondia nas dobraduras de suas revistas: intimidades da vida de Camila Pitanga, Camila Morgado... Mulheres Globais, um duplo que condensava diversas Camilas. Ao mudar a última letra de seu nome, Camile era outra. Eu pude assim aprender alguma coisa de fundamental a respeito da importância de seu trabalho prévio com seus objetos e seu duplo. Como nos diz Maleval: “[...] a experiência nos ensina que a supressão precipitada do objeto autístico suscita sempre nas crianças autistas quadros clínicos que se tornam difíceis de diferenciar da esquizofrenia”.⁶ E, ainda:

É sobre seus duplos protetores que eles aparelham um gozo sobre o qual lhes é lícito de se agarrar. Vemos que suas enunciações podem ser deslocadas sobre um duplo, com frequência, veremos, do lado do duplo que eles acham uma dinâmica.⁷

A descoberta de cada signo de feminilidade – gravidez das atrizes, vestimentas, perfumes prediletos, etc. – era acompanhada de intensa excitação motora.

A voz do enigma do feminino

Nesse primeiro tempo da análise, qualquer escansão provocada pelo analista era geradora de uma crise. Foi necessário muito tempo, uma longa insistência metonímica por parte do analista, em torno do manejo do objeto-voz, para que, em um segundo tempo, pequenas escansões – interrupções das leituras, mudanças de temas, interrupções das sessões – pudessem ser possíveis.

As entrevistas com a mãe eram sempre tensas, seu olhar desconfiado parecia anunciar o inassimilável do campo do Outro como o não localizável do feminino: o horror à ideia de que sua filha pudesse ser violada. Foi preciso um espaço de tempo para estabelecer alguma confiança que permitisse ao analista operar na transferência, de modo a promover aberturas. Em uma determinada entrevista, surgiu o tema da vaidade feminina. Frente a uma questão concernendo o olhar de Camila diante do espelho, a mãe torna-se atônita e responde: “É curioso, mas jamais me coloquei a questão se Camila já se olhou no espelho...”.

O pai, que é desde muito tempo divorciado da mãe, nunca chegou a participar do tratamento, sendo praticamente nadificado no discurso materno, a não ser pelo fato de que, de 15 em 15 dias, Camila sai para, com ele, comprar as revistas de celebridades.

O pai fora da lógica fálica: invenções e localização de gozo

Pouco a pouco, outro tempo da análise se constitui. Pela via do tratamento do objeto-voz – pelo comparecimento inédito do analista como parceiro disponível para operar com o real contingente, deixando-se utilizar como objeto *a* – houve um apaziguamento da intrusão do Outro na materialidade da voz.

Suas invenções sintomáticas, o duplo e suas revistas com dobraduras fazem uma espécie de borda que vai descompletar a mãe e fazer bascular seu lugar na fantasia materna. Durante esse tempo, Camila parece poder dispensar, em alguma medida, a função de proteção exercida por seu duplo. Agora, no lugar de manusear suas revistas infinitamente, passa a carregar um enorme glossário de novelas da Rede Globo, povoado por centenas de personagens masculinos e femininos, implicados nas mais diversas tramas simbólicas, objeto autístico mais complexo, tecido a partir de um trabalho de elucubra-

ção de saber sobre *lalangue*, abrindo possibilidades de comunicação, de laços inéditos, mesmo se esse novo gozo vocal ficasse muito restrito à palavra irônica. Camila passa a nomear todos os terapeutas e pacientes por nomes de artistas famosos, sempre cantarolando os temas das novelas, como uma espécie de modulação da voz.

Ela parece indicar que pôde suavizar o peso invasor da voz do Outro indecifrável e passa a utilizar sua própria voz para se dirigir ao outro. Durante esse tempo, suas sessões são marcadas pela aparição de um significante inédito. O analista, ao indicar sua fadiga, que o faz interromper a sessão, que gira ainda em torno das leituras, não mais das revistas, mas do glossário, ela diz: “Lê só mais o restinho”, proposição que dá ao cansaço um lugar operatório para a falta no campo do Outro.

O resto

Esse tipo de “cascata” em torno do resto produz desenvolvimentos significativos. Camila passa a ser vista de outro lugar, tempo em que as revistas tornam-se literalmente objetos de sucata, restos acumulados em um baú, que agora ela permite que sejam utilizados como material de reciclagem em trabalhos de colagens. Nisso, que antes se apresentava congelado no simbólico, insere-se um *non-sens*, um menos. Não se trata do simbólico capturando o real e deixando como resto o objeto *a*, mas, como indica Dominique Holvoet, tirando consequências do ensinamento de Miller, de “um trajeto que vai do real ao simbólico, que ataca o simbólico com o real, e não o contrário”⁸

Por ocasião da última entrevista com a mãe, ela diz:

Camila está ultimamente muito diferente. Quando estou me arrumando para sairmos, ela começa a fazer uma brincadeira comigo, uma espécie de esconde-esconde com minhas roupas, e tenta sempre ver meu corpo nu sob o roupão.

Camila pôde-se deslocar do lugar de objeto saturador,⁹ no real, da fantasia materna, pela via do resto de uma operação sintomática, esvaziando a dimensão prévia da resposta paranoica materna ao enigma do feminino – minha filha será violada! Trata-se de um trabalho executado fora do regime fálico, um *savoir y faire* com o pai, o que nos faz supor que certa modalidade de extração de objeto pôde ser efetuada, constituindo um corpo para Camila, pela via de um menos que a localizou em um lugar menos condensador de gozo e mais referido ao significante.

Para concluir

Podemos supor, a partir do trabalho de Camila, que uma saída possível do autismo não passa, necessariamente, pela psicose, esquizofrenia, ou pela paranoia, mas por uma construção que possa ter um valor de sintoma para o sujeito, na medida em que um menos seja introduzido, o que torna o laço social suportável.

Encore

Na primeira sessão após a apresentação, Camile entra no consultório com a atitude inédita de não portar nenhum de seus objetos autísticos costumeiros. Ao sentar-se no divã, olhando para uma das fotos que fica em meu criado-mudo, pergunta se era meu filho. Respondo que era meu sobrinho. Camile então indaga: qual o nome dele? Após minha resposta, ela levanta-se, como que satisfeita, e vai embora.

Um pouco depois, em novembro, após meu retorno de Paris, onde, dentre outras coisas, defendi minha dissertação de mestrado, na Paris VIII, e trabalhei, com especial interesse, em supervisão, as questões da análise de Camile, encontro os profissionais da

Clitop bastante angustiados com seu estado. Diziam que Camile andava deprimida.

Na primeira sessão, então, após meu retorno, Camile entra no consultório e, inusitadamente, deita-se no divã. Com uma pequena almofada, cobre um de seus olhos. É interessante destacar que Camile é estrábica, o que lhe faz ter um olho que parece olhar o outro, e um outro que parece fugir ao campo de visão, como se mirasse o infinito. O olho que, nesse momento, fitava o analista era o que se perdia no infinito. Por um corte no infinito, o analista se constitui como um ponto de visão, parecendo, propriamente, instituir o olhar que era perdido na hesitação estrábica. Para além do determinismo anatômico, o estrabismo parecia cumprir a função de reger o objeto-olhar.

Após essa manobra, Camile entrega ao analista uma revista em que se encontrava a foto da viúva Porcina, uma heroína de uma famosa novela da TV Globo. Em seguida, começa a cantarolar a música-tema dessa personagem:

Estou de volta pro meu aconchego
Trazendo na mala bastante saudade
Querendo um sorriso sincero, um abraço
Para aliviar meu cansaço
E toda essa minha vontade
Que bom poder estar contigo de novo
Roçando o teu corpo e beijando você
Pra mim tu és a estrela mais linda
Seus olhos me prendem, fascinam
A paz que eu gosto de ter.
É duro ficar sem você vez em quando
Parece que falta um pedaço de mim
Me alegro na hora de regressar
Parece que vou mergulhar
Na felicidade sem fim.

Cantarolo junto, com intenso júbilo. O olho que se perde no infinito agora encontra o olhar do analista. O olhar, de forma iné

dita, está em jogo. O gozo vocal e o olhar encontram uma cifra, capturados em um circuito pulsional que inclui uma alteridade. Terminamos de cantar, ela se levanta, e como se não bastasse todo júbilo, diz: “Ficamos por aqui hoje.” E sai.

Se eu acrescento todos esses desdobramentos surpreendentes, por razões aparentemente enigmáticas, é por eles tocarem em um ponto de importância capital. A pergunta que se coloca é: qual seria a lógica das surpreendentes enunciações desse sujeito tão ecolálico, tão desligado do Outro, tão sedimentado na reiteração infinita do Um *tout-seul*? É por que, neste momento específico, e não em outro?

Laurent, em seu recente livro, *A batalha do autismo*, no segundo capítulo, faz menção a Rosine Lefort e Sandrine Bonnaire, para tocar em um ponto de real que anima a transferência na condução de uma análise.

Rosine Lefort, como todos sabem, inaugurou a clínica com o autismo e conduziu o tratamento do famoso caso “Le Loup! Le Loup!”, orientada, em sua prática, por sua análise com Lacan. Laurent chama nossa atenção ao estabelecer uma relação causal entre um dito materno e um ponto nodal do sintoma de Rosine. Diz Laurent: “Ela (Rosine) estaria sempre atrasada em relação a si própria”.¹⁰ Vai ser a partir de um momento lógico preciso de sua análise com Lacan, que ela viria a fazer uma modalidade de passe. A partir de sua própria cura analítica é que Rosine pode inventar sua prática analítica.

(O momento em que sua prática se inaugurou correspondia em sua análise a um momento de passe... Lacan designou assim o momento crucial, numa análise, em que um sujeito atravessa seu encobrimento fantasmático, se separando da queixa de seu sintoma e se apoiando sobre as novas mutações.¹¹

Sandrine Bonnaire, cineasta, dirigiu o filme biográfico *Elle s'appelle Sabine*, exibido no festival de Cannes, em maio de 2007, que expunha sua própria vida no convívio com sua irmã mais nova, que

era uma autista. O que Laurent nos diz é que o testemunho de Sandrine lhe permitiu separar-se do lugar (necessário) de duplo que exerceu para sua irmã, durante quase toda a vida, atestando, assim, para si própria e para irmã, a possibilidade de uma separação. Algo de um objeto *très lourd à porter* pôde ser depositado no filme, o que não foi sem efeitos de apaziguamento e de produção de sujeito.

O que as duas alegorias de Laurent confirmam, do que me pude servir, é que, após um longo e laborioso trabalho com Camile, fora de qualquer enquadre *standard*, e orientado pela clínica do real –

Assim, os sujeitos autistas colocam em perigo toda identificação imaginária. Eles não permitem que um diálogo prossiga se estiver referido à identificação histérica. Para os que querem se fazer parceiros desses sujeitos, há um luto a se fazer da identificação histérica. Cada um deve ter atravessado o ponto desse modo identificatório para se haver com um tanto de real em jogo.¹²

– precipitaram-se contingências que diziam respeito à própria análise do analista, o que movimentou a transferência com efeitos surpreendentes no real.

Participação dos Cartéis

Comentadora: Célia Salles

Célia Salles – Os cartéis se debruçaram sobre o caso de Vicente Gaglianone antes da música e da viagem dele, e nós, dos cartéis do Brasil, fizemos as seguintes perguntas:

– Gostaríamos de um esclarecimento sobre manejo clínico na transferência, em relação ao objeto-voz.

– Quais seriam as distinções entre o autismo como estrutura clínica e a psicose?

– Qual o lugar do duplo e seu destino no tratamento do autismo?

– Como compreender e distinguir o deslocamento metonímico do objeto e a eleição do objeto autístico?

– O deslocamento do gozo implicaria uma cessão de gozo, uma extração de objeto no sujeito autista?

– Poderíamos pensar que a natureza da interpretação, no autismo, não seria simbólica, mas real?

– Qual a função do pai no autismo? Estaria ela articulada ao pai real?

Eu também queria acrescentar uma pergunta, depois de assistir à Conversação sobre o autismo em Paris. Achei muito interessante quando foi trabalhada a diferenciação, relativa ao autista, entre o riso irônico e o riso sardônico. Já que o texto de Vicente toca na questão da ironia no autismo, será que Laurent poderia nos esclarecer a respeito dessa distinção?

Comentários de Éric Laurent

Éric Laurent – No caso de Vicente, temos algo um pouco distinto, mas da mesma família de problemas do caso apresentado por Suzana, mesmo tipo de jogo de palavras.

Há a garota que vem à sessão com um modo de duplo, um duplo que são imagens de atrizes que têm o mesmo nome de Camile, com uma variação de letra, e há todas aquelas revistas e uma imagem desfibrada, caleidoscópica, se podemos dizer assim.

O que é chamativo é que se pode dizer que, em um certo nível, não há a presença do pai, mas há, em outro patamar. O objeto mais querido por ela é precisamente o que ela compra com o pai, e vai à sessão sempre carregada com essas imagens. O que é também decisivo é que são de pessoas famosas, e que possuem um nome conhecido e que circula. Vemos que não é uma relação com um nome único, mas com uma família de nomes que se pluraliza. São atrizes famosas no plural, é um duplo múltiplo. Não é a mesma coisa de um corpo despedaçado do sujeito psicótico, é antes um corpo refratado em suas dobraduras e multiplicado nessas combinações. E isso faz alusão a um objeto que mantém contato direto com o pai. É chamativo porque, precisamente, se poderia pensar que essas imagens seriam derivadas da mãe, de uma maneira ou de outra, mas vêm exatamente do outro lado, do lado do pai, e vão constituir, para Camile, uma base de intercâmbio, de construção com Vicente, para chegar a uma imagem como tal.

Há tudo isso que é interessante de se observar, como se passam a refração e a multiplicidade em cada um. Tanto se pode verificar isso no imaginário, como também na consistência simbólica. De uma imagem refratada ao quadro dos programas da TV Globo, no qual há uma lista, e veremos como o analista pode servir-se disso como parceiro.

Pela leitura, se podemos assim dizer, ela se cansa e quer cansar o analista. É o que se verifica como modulação da voz, que implica algo que se perde do corpo, tanto por parte de Camile, como por Vicente. É, na verdade, a instauração de um intercâmbio em que se perde algo do corpo. A dimensão simbólica não se separa do imaginário do corpo como tal, sem um circuito pulsional em que a exaustão, o cansaço e mesmo a exasperação estejam em jogo.

O que é também muito interessante é que, em ambos os casos, os dois objetos pulsionais que estão em primeiro plano são o olhar e a voz. Lacan dizia, vocês sabem, que esses dois objetos são mais arcaicos que o oral e o anal, apesar de isso não ser tão evidente. Coube

a Sartre, um pouco antes de Lacan, introduzi-los e forjar a concepção de que a presença do Outro se manifesta por meio do olhar e da voz.

Vemos como esses objetos entram no mundo desse sujeito que se protege tanto; graças a eles, circuitos como cantar-com, ler-com, estar cansado-com se estabelecem e evoluem, até alcançarem os intercâmbios pela voz e pelo olhar, que são muito relevantes. Percebemos como, após a estada do analista em Paris, seja pelo olhar, seja pela voz, produziram-se fenômenos verdadeiramente comovedores, como é o caso desse canto, ou de sua enunciação sobre a foto do analista.

Tudo isso se deveu, por um lado, a surpresas contingentes, mas, também, a um enorme e longo trabalho em torno das imagens reduzidas das dobraduras que estavam contidas em um objeto que vinha do pai, o que permitiu cernir aparatos de constituição do olhar e da voz, promovendo uma verdadeira báscula, ao ponto de Camile poder enxergar o corpo da mãe.

Notas

¹ Este caso foi apresentado em maio de 2012, no fórum sobre o autismo, ocorrido na FBP-Rio, e que foi coordenado por Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros e Paula Borsoi. Após essa apresentação, ocorreram desdobramentos significativos e inusitados, os quais inseri no caso, para a apresentação na Conversação sobre o autismo, com a presença de Éric Laurent, na Bahia.

² Hospital-dia no Rio de Janeiro.

³ GAGLIANONE, V. M. (2011) Resenha do livro *El sentimiento delirante de la vida: Autismo y psicosis* – Continuação de um diálogo com Robert y Rosine Lefort, de Éric Laurent. Buenos Aires: Colección Diva. (*Latusa Digital*, ano 8, n.46, set. 2011).

⁴ MALEVAL, J. C. *L'autiste: son double et ses objets*. Rennes: PUR, p.56.

⁵ BAIO, V. Les conditions de l'Autre et l'ancrage. *Les feuillets du Courtil*, Paris, n.18/19, abr. 2000.

⁶ MALEVAL, *op. cit.*, p.163.

⁷ *Ibidem*, p.167.

⁸ HOLVOET, D. Les autistes et les conditions du lien. *Les feuillets du Courtil*, Publicação do Campo Freudiano, Bélgica, n.29, p.77, jan.2008.

⁹ LACAN, J. (1969) Note sur l'enfant. In: *Autres Écrits*. Paris: Seuil, p.373-374.0

¹⁰ LAURENT, É. (2012) La bataille de l'autisme. Paris: Navarin, Le Champ Freudien, p.38.

¹¹ LAURENT, *loc cit.*

¹² *Ibidem*, p.39.

UM CASO DE UM JOVEM AUTISTA

Ana Beatriz Freire

Rodrigo é um jovem autista cujos pais procuram tratamento, alegando estarem envelhecendo e interrogando a possibilidade de o filho, já adulto, adquirir maior autonomia. Parece ser somente na iminência da morte, que essa demanda pode ser formulada. R. recebeu o diagnóstico de autista já no maternal. Essa solicitação de tratamento foi, na verdade, a primeira demanda de tratamento psíquico para R. Até então a família não procurou ajuda, por não confiar na medicina.

A analista propôs ao pai que o acompanhasse ao tratamento. Ele nunca deixou de trazer o filho às sessões.

Direção de tratamento

Buscando uma orientação de trabalho, perguntávamo-nos: sendo a demanda dos pais de autonomia para o filho, qual seria a questão, suposta, do próprio jovem no tratamento? Pareceu-nos, *a posteriori*, que R. conduzia o tratamento por meio de pequenas invenções em direção ao deslocamento do lugar infantil em que este se colocava em relação aos que o cercavam, inclusive a escola. Parecia que R. tentava, com esse tratamento, deslocar-se, ou, ao menos, tratar, no campo do Outro, o que o fixava, congelando-o como objeto infantil.

No início, R. se mostrou avesso, refutando qualquer presença mínima, intervenção ou demanda por parte da analista: tapava

constantemente os ouvidos, desviava o olhar, intensificava as estereotipias faciais e, com as mãos, mostrava-se muitas vezes agitado, movendo-se, com frequência, de um lado ao outro do consultório, com postura desarticulada, corpo desengonçado, sem concentrar e sem fixar seu interesse em nada. De forma muito ecológica, trazia poucas palavras, sempre desconectadas do contexto. Logo, entretanto, apresentou-se com um duplo e um significante, *foca*, que repetia, ao ver sua imagem refletida. Mostrou-se também singularmente presente ao se apropriar de um gravador e, com desenvoltura, colocá-lo para funcionar. Durante todas as sessões que se seguiram, assim que entrava no consultório, escolhia uma música específica para ouvir, cuja letra se referia a um grupo de jovens que se reuniam em um bar.

Os desenhos de massinhas desse animal-duplo, cuja voz, nos seriados de televisão, é sem sentido e anasalada, e algumas histórias em quadrinhos de desenhos infantis eram seus preferidos.

Pensando na Conversação após a conferência de Laurent, em 2012, no Rio de Janeiro, perguntamo-nos, *a posteriori*, após quatro anos de trabalho, se esse significante e animal de que R. se servia como duplo não poderiam ser pensados como uma 'letra tronco', capaz de relativizar o lugar infantil (St holofraseados) e abrir para outras letras, propiciando um diálogo possível na transferência com o Outro. Homólogo ao conceito de célula tronco, que se define como uma célula capaz de dar origem a várias outras diferentes do organismo, podemos supor que, antes mesmo da atualização de sua *alíngua*, o significante eleito *foca*, recortado por R. do campo do Outro, não poderia servir de letra? Tratava-se, parece, de uma letra como significante condensador de gozo que, apesar de congelá-lo, propiciou, por meio do tratamento, na transferência, uma certa abertura para outros significantes.

Dentre as intervenções que ocorreram durante esses quatro anos de atendimento, destacamos, pelos seus efeitos, as seguintes sessões:

- Nas sessões em que, a partir da música do gravador, conseguia, mesmo de forma ecológica, cantarolar sons desarticulados, a analista tentou acusar a recepção de seu cantarolar, secretariando e anotando a letra da música que, repetidamente, ouvia, apostando tratar-se de um trabalho. Um dia, na saída de uma sessão, a analista leu a letra dessa música em voz alta para R., na presença do pai, que o acompanhava. Como assinalamos, a letra se referia ao encontro de jovens em uma noite. Essa intervenção fez com que R., pela primeira vez, sorrisse e olhasse para a analista.

- Em outra sessão, após ouvir o seu CD preferido, R. começou a assoviar, sentado em uma poltrona, à distância da analista. Esta tentou, paulatinamente, assoviar também sons com intervalos seguidos pelas escansões que o próprio paciente apresentava no assoviar. Docilmente, com um “interesse distraído”, um manejo cauteloso da sua presença, em uma presença regulada, quase ausente, a analista compôs uma espécie de entoada a partir dos sons produzidos por R., construindo com ele um dueto, sempre respeitando suas iniciativas, a distância dos sons e do espaço físico entre as poltronas. Essa intervenção fez com que o sujeito olhasse, sorrisse e continuasse a “entoada”, assoviando e iniciando um diálogo melódico sem se sentir invadido.

- Um dia, R. chegou, ecolalicamente, repetindo: “Era uma vez na floresta”. E acrescentou: “Mais velho”. A analista acusou a recepção dessa sequência, construindo uma história, aproveitando-se do não sentido como um mito no qual ele pudesse singularizar-

se e deslocar-se da ecolalia, ou do dito do outro que o atravessava imperativamente. Nessa construção, a analista repetiu os significantes do próprio paciente e completou, dizendo: “Era uma vez na floresta, um jovem que se tornou mais velho, que gosta de ouvir música, etc”. Como uma demarcação do indizível, em que o discurso se abole, essa tentativa de construção de uma espécie de mito, a partir dos próprios ditos trazidos pelo paciente, produziu efeitos de localização dos significantes desarticulados e imperativos que o visavam e se impunham. Pareceu que, aos poucos, R. tapava menos os ouvidos e tentava, sem ameaça, prestar mais atenção ao que o outro lhe dirigia.

● Apesar de uma linguagem muito empobrecida, fora do contexto e muito ecológica, um dia, em uma sessão, a analista se surpreendeu quando, ao oferecer um jogo composto de figuras, R. mostrou-se interessado e associou as figuras com seus respectivos significantes, como chapéu, panela, fogão, pequena sereia, etc. Essa sessão provocou grande surpresa à analista, não apenas porque foi a primeira vez que R. saiu de seu mutismo frequente e suspendeu o uso de palavras desconexas e desarticuladas, mas também porque, com essa relação bem articulada entre imagem/referente e significante, R. demonstrou ser “mestre da linguagem”. Mestre da linguagem, como diria Lacan sobre o caso Dick,¹ pois, nessa sessão, constatou-se que o “fora do discurso” próprio desse sujeito não deve ser associado aos problemas supostamente cognitivos, mas sim a uma relação muito particular com a linguagem. No lugar de ser alienado, submetido à linguagem, esse sujeito só a concebe submetendo-a, assujeitando-a, isto é, quando, não ameaçado, consegue ocupar um lugar de mestre. Esse domínio nos fez pensar que, parafraseando Lacan, em “Formulações sobre a causalidade psíquica”,² seu mutismo apontava menos para um déficit do que para uma “decisão” insondável do ser, uma “escolha”, talvez forçada, de uma posição psiquicamente defensiva.

● Em outra sessão, após o momento de ouvir música no gravador, R. se deitou no divã. Ao se deitar, o jovem produziu, com seus movimentos estereotipados e sob a luz de uma luminária, sombras projetadas na parede. A analista, ao notar as sombras de seus movimentos ditos “esteriotipados” com as mãos, aproveitou e mesclou movimentos com sombras de suas próprias mãos. Essa projeção de movimentos de mãos propiciou uma espécie de diálogo de sombras entre analista e paciente. Ao mesmo tempo, junto com esse jogo teatralizado de sombras, a analista repetiu o sobrenome do pai, cujo significante se relacionava a essa cena. Essa intervenção possibilitou deslocar uma cena de autômato para um jogo de sombras, permitindo a R., por meio da teatralização de sombras, perceber as mãos como seu corpo, o que propiciou, podemos supor, certa construção de um corpo.

● Em certa sessão, R. traz um CD com uma gravação de um grupo famoso de teatro, em que os atores dialogam musicalmente em uma peça com sotaque estrangeiro. Sabendo da associação da família paterna com esse grupo de teatro, no momento da saída da sessão, quando o pai salienta que R. gosta de teatro, a analista acusa a recepção dessa fala e mostra a importância das gerações, comentando ser talvez essa escolha uma herança paterna. Essa intervenção foi importante para o pai, que, *a posteriori*, começa a falar muito de sua relação com o filho e do lugar de seu pai, avô do paciente. Nas sessões seguintes, o pai passa a tecer considerações sobre o que seria para ele uma herança, uma transmissão. Acrescenta, a partir de então, temas que lhe interessariam compartilhar com o filho, como futebol e teatro, atividades que considera importantes. O pai passa a levar o filho para assistir a peças teatrais e a partidas de futebol. Em uma família que, segundo o pai, é dominada pela figura matriarcal, essa intervenção teve efeito de localizar para o filho uma escansão dos significantes holofraseados. Podemos apostar que, à sua maneira, bem diferente do Nome-do-Pai como localizador do desejo e gozo maternos, esse jovem ‘se serviu’ do pai.

Efeitos do tratamento

Seus 21 anos foram comemorados como um rito de passagem. Ganhou um presente do pai que mostra e assinala frequentemente. A partir de um trabalho junto à equipe clínica, esse rapaz tirou documentos de cidadania que estavam pendentes, inclusive o passaporte para viajar. R. gosta de viajar. Recentemente, foi a uma exposição com o pai e curtiu uma instalação caleidoscópica, com espelhos fragmentados em que projeta sua imagem. Gostou também de uma obra em que caixas acústicas reproduzem uma missa gótica. Nessa escolha, percebemos um trabalho de R. com o olhar e a voz.

Atualmente, consegue, relativamente, ceder e negociar. Tem carteira com dinheiro próprio e chave de casa. Passa, paulatinamente, de um mundo infantilizado para um de jovem, com computador, em que passa dos sites infantis para sites mais joviais. Passa de um corpo desengonçado a um corpo aprumado e a vestir-se jovialmente. Ainda repete o significante de seu duplo, mas, atualmente, com certa distância do imperativo, perguntando, muitas vezes, de forma repetitiva, porém como uma tentativa de enunciação: “Cadê a foca?”, e, recentemente: “Cadê R.?” (repetindo o seu nome).

Assim, servindo-se do pai, R. toma corpo e sai pela cidade com os clínicos que o acompanham como auxiliares terapêuticos. Mantém sua defesa autística, mas consegue afrouxar seu “encapsulamento” e ter, nos limites de sua estrutura, um diálogo com o outro.

Participação dos Cartéis

Comentadora: Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros

Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros – As perguntas dos cartéis giraram muito em torno dessa noção de letra tronco, que foi uma formulação apresentada por Laurent na conferência que ele deu no Rio. O significante “foca” como letra tronco, pelo que pudemos entender, ampliaria “o acesso a um mundo da letra diversificado em seus registros”. Ana Beatriz Freire buscou tirar consequências dessa noção e usou essa referência para construir o caso. Seguem-se as perguntas:

– Como a noção de letra tronco contribui para a direção do tratamento e em que o manejo disso, que pode ser localizado sob essa noção de letra tronco, contribui para a solução e as construções inventivas que os autistas podem vir a fazer? Por exemplo, como se introduz a construção de um intervalo, de uma escansão?

– Qual seria a articulação entre o S1 recebido da mãe, a letra tronco e sobrenome paterno? Essa questão já apareceu de alguma maneira na Conversação, e que poderia ser formulada assim: o que seria, para o autista, se servir do pai?

– E a terceira pergunta é como se passar da letra condensadora de gozo para um laço que organiza o Outro, um laço que permitiria existir o Outro para a criança?

– Qual seria a distinção entre significante e letra tronco? O sujeito aqui vai deslocando: a foca, cadê a foca e depois cadê o pai. Como permitir outros tratamentos para o gozo? Qual a diferença entre esse tipo de deslocamento e um deslocamento significante?

Comentários de Éric Laurent

Éric Laurent – Você pode repetir a pergunta que ele faz?

Ana Beatriz Freire – A princípio, ele pergunta onde está a *foca*, mas, hoje em dia, ao invés de *foca*, usa seu próprio nome.

Éric Laurent – Há uma associação entre o nome dele e *foca*.

Ana Beatriz Freire – Í!, houve um deslocamento. Antes, *foca* era o duplo. Depois, a pergunta era: onde está a *foca*? E, hoje, ele pergunta: onde está R.?, usando seu próprio nome.

Ele passa de um corpo desengonçado – tinha um corpo inerte, meio amorfo – para um corpo aprumado. Passa a se vestir como um jovem. Chama a atenção que ele escolha roupas combinando, bco joviais. Recentemente, estava com uma blusa com um desenho de foca, e sua mãe observou: “Essa blusa está muito pequena, não cabe mais em você”. Ele a tirou imediatamente, deixou-a de lado e foi-se vestir da uma maneira mais jovial.

Assim, eu digo que, de certa maneira, ele se serviu do pai, podemos discutir isso, e R. toma corpo e sai pela cidade. Ainda mantém sua defesa autista, mas já conseguiu afrouxar seu encapsulamento pelo diálogo.

Éric Laurent – Creio que, efetivamente, há perguntas que se poderiam esclarecer a partir do que foi proposto. Vimos que, em dois casos, houve a menção de que a mãe era depressiva. Com uma mãe depressiva podemos ter, por exemplo, Rômulo Ferreira (AE da AMP), que não é autista. Podemos ter Marie-Hélène Blancard, nossa colega que também teve uma mãe muito depressiva. Enfim, podemos ter uma variedade enorme; com mães depressivas, pode-se gerar um mundo. Todos nós conhecemos nossas mães um pouco depres-

sivas. Algumas mais outras menos, mas é algo a se levar em conta. Não é uma casualidade.

No caso de R., vemos, logo no início, como esse menino se apodera de um gravador no qual coloca a sua voz. De modo geral, os sujeitos autistas têm uma tendência a ter uma relação especial com máquinas: ou eles mesmos como máquinas, ou têm contatos com máquinas, ou, ainda, inventam máquinas, como no caso apresentado por Vicente, da foto dobrada. Creio que se deve ser dócil a isso, inclusive propor máquinas. Máquinas, por exemplo, que possam suportar, quando necessário, a brutalidade eventual da criança. Máquinas simples, mas que possam efetivamente suportar isso. Não falo de máquinas na mesma perspectiva que Bruno Bettelheim; ele se referia ao menino-máquina. Nessa perspectiva, a máquina era algo desvitalizado, algo da ordem do registro do não vital, desanimado. Já na nossa perspectiva, as máquinas são mais da ordem do depósito do objeto *a*. Para nós, um gravador não é uma coisa desanimada. Ao contrário, um gravador é cheio de vida. Pode-se depositar a voz em um gravador, assim como se deposita o olhar em um quadro. Isso serve para se ter a ideia de que podemos introduzir essas máquinas como maneiras de fazer consistir a relação do sujeito com os dispositivos. Não sabemos, de antemão, qual é o bom dispositivo, aquele que ele vai eleger. Se o dispositivo está na via da voz, ou do olhar, ou se está do lado do anal, da merda... não se sabe bem. Ou do oral, como, por exemplo, o bolo. Com esse vazio central do bolo, objeto fundamental, disseram Heidegger e Lacan. O vazio central pode ser preenchido com merda, com água, com imagens, com o gravador, qualquer coisa. Não temos como saber de antemão. Então, ao introduzir esses dispositivos, pode-se permitir a constituição de uma cadeia.

Gostei muito, no seu texto, da interpretação que você faz da *foca* como letra tronco. E vi que os cartéis pedem que se diga o que é uma letra tronco. Usei a expressão 'letra tronco' para introduzir uma metáfora dentro da biologia atual, que leva em conta a

indiferenciação antes mesmo da diferenciação. Lacan dá para isso o nome de ‘instância da letra’. Quando Lacan fala sobre a instância da letra, essa instância é, ao mesmo tempo, o significante, o número como tal, a cifra, ou, como ele disse, é a língua que veicula a cifra. Quer dizer, a letra matemática está dentro da instância da letra. Da mesma maneira, a cadeia significante. Lacan disse que é muito distinto quando se toma uma cadeia significante do lado do significante ou do lado da voz, de sua consistência musical. É distinto, mas está incluído. Verifica-se que, com essas crianças autistas, não se pode separar o significante e a musicalidade. Como estão incorporados, não se pode fazer essa operação. Temos, então, que, efetivamente, cantar com eles. Temos que ter uma voz exatamente como de uma mãe quando fala com uma criança; ela não lhe fala de uma maneira fria, tal como os atores nos filmes do cinema francês intelectual (risos), nos quais se fala com uma voz sem nenhum afeto, do tipo Robert Bresson, Jean-Luc Godard, etc. Esses diretores cortavam todo o afeto para separar a cadeia significante e a voz. Mas uma mãe fala com uma criança: “ai, ui, ui” (Laurent vai modalizando a voz). Tem-se que se cantar assim: “Ai, João, ui”..., etc. (risos). É uma maneira de manter essa instância da letra em todos os seus registros. E *foca*, efetivamente, permite fazer toda uma série de operações. Há duas correntes na sua maneira de apresentar o que foi feito. Uma, que é mais uma concatenação de cadeia, e outra, que é uma referência a construir um mito ou incorporar a herança paterna. A meu ver, mito, herança paterna fazem, demasiadamente, referência a uma metáfora paterna. Como se fosse da mesma índole do que se faz com um sujeito neurótico. Na terapia de uma criança neurótica, tem-se que introduzir a referência à herança paterna, às vezes, retificar o mito de origem, etc. Aqui se trata de outra coisa. Quando você faz (em um tom cantado), quando você inicia: “Era uma vez, uma vez um menino na floresta”, e você continua: “que amava a música”, se concatena algo que permite a R., com isso, caminhar, construir a borda.

Gostei muito da sua invenção, de introduzir um jogo de sombras, ou seja, a confusão dos corpos não do lado do diálogo, não do lado de um símile de interlocução, mas da fusão dos corpos em um plano, em uma certa imagem. São coisas que permitem a esse jovem – você o diz muito bem – passar de uma cena de *autômaton* a um jogo de sombras. Introduzir, ao mesmo tempo, a fusão dos corpos, mas com certa soltura, como um jogo, uma brincadeira. Devemos lembrar que esse menino vem de uma família de teatro, em que a representação é crucial. É uma invenção sua, uma invenção genial, fazer o jogo de sombras à distância e constituir assim uma maneira de contatá-lo com o corpo do Outro. A prova de que isso funciona é que ele viaja pela cidade com seu pai. Esse fato me parece mais fundamental que a suposta herança paterna ou o mito familiar. O contato com o pai parece mais importante. O fato de que ele pode suportar fazer percursos na cidade, itinerários, bordas, com o pai. E com isso também conseguindo, suportando, uma identidade, um passaporte, autorizações para viajar e tudo mais. Pode-se tratar isso em termos de: “Ele se faz um nome”. Mas ele se faz um nome com coisas que estão inseridas nesse percurso. Objetos novos. Tem-se que tratar o passaporte como uma peça de *Lego* ou como um ego suplementar, ou seja, que permitem coisas. Pensar que esse menino, três anos depois do início, pode ir a uma exposição de arte com o pai, olhando esse caleidoscópio, seja no olhar, seja na voz, com o pai ao lado. Com isso, parece-me, verifica-se a montagem que ele pôde fazer entre olhar e voz, e a autonomia que ele conseguiu. Estar ao lado do pai e poder suportar uma redução do olhar e da voz por meio de objetos de arte, invenções.

Ana Beatriz Freire – Sobre a questão do enodamento, que o senhor mencionou, pensei que o que faz nó são invenções, esses efeitos de escansões, como nos exemplos, escansão feita no intervalo do assoviar, das sombras, das pegadas, como no caso apresentado por Suzana, do ir e voltar, do “um, dois, três e já”, no caso apresentado

por Cristina, do cantar, no caso apresentado por Vicente. Escansão frente a isso que se repete de forma, primeiramente, autômata, sem intervalo. Penso que é o intervalo que interessa mais na modalização da voz, do olhar, mais do que o mito propriamente dito. Utilizei o “se servir” do pai mais no sentido do intervalo que este propicia para a invenção. Trata-se de invenção, uso do pai mais do lado do efeito de escansão, do intervalo, do que de um mito que remeteria a todos os sentidos.

Notas

¹ LACAN, J. (1953-1954) *O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

² LACAN, J. (1946) Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.178.

BORDAS SOB TRANSFERÊNCIA

Cristina Vidigal

A frase de Maleval – “O autista não é um deficiente mental, mas um sujeito que trabalha para temperar sua angústia”¹ – parece apontar a angústia como real, primordial e presente em sujeitos cujo enodamento dos três registros se dá de uma forma bastante particular. O avanço do manejo topológico, na clínica, nos ensina a acompanhar o trabalho desses sujeitos que, na medida em que se endereçam ao tratamento analítico, nos ensinam sobre os seus impedimentos e, entretanto, sob transferência, franqueiam algo que nos permite avançar. Esse manejo nos convida a tentar um acesso mínimo que permita algum tipo de intervalo, de cessão (no sentido de um corte mínimo e também de ceder algo) e mesmo investigar as possibilidades de deslocamento, de separação, de invenção, e, enfim, de inclusão no laço social.

Laurent nos faz uma indicação preciosa sobre o trabalho a ser feito no campo específico de retorno do gozo nos autistas, qual seja, a borda. Ele insiste sobre o deslocamento dessas bordas no espaço entre os corpos. Para Temple Grandin, para que ela suporte, por exemplo, o encontro com o gozo caprichoso do outro, essa borda vai ser construída na forma do “*cattle trap*”: sua “máquina do abraço” permite que uma operação tenha lugar sobre o impulso agressivo, produzindo um apaziguamento da angústia. Para Joey, caso descrito por B. Bettelheim, a construção de uma máquina que une as duas cargas elétricas, positiva e negativa, em uma única corrente, permite a ele suportar a vacilação das pessoas, sem agredi-las impulsivamente. As máquinas e outras pequenas soluções que esses sujeitos inventam, muitas

vezes ratificados em suas análises, criam um mínimo de intervalo, um mínimo de distância, e possibilidades de deslocamento disso que, tendo a característica do real, tende a emperrar.

Alguns autistas não chegam a construir máquinas, mas inventam operações e suportam certos deslocamentos que permitem intervenções sobre as bordas, ou seja, a criação ou a validação de um campo mínimo de trocas. A noção de borda diz respeito, mas vai além da dimensão de borda eroginizada, pulsional, privilegiada, em uma superfície de um corpo. Fissa noção concerne à dialética do Outro e do objeto em curso na constituição do sujeito e também na dinâmica do tratamento. Assim, os autistas nos ensinam sobre outras bordas que eles inventam para operar em um espaço entre os corpos. Algumas bordas e seus objetos (olhar, voz, fezes, seio), que, muitas vezes, eles demonstram desconhecer e mesmo evitam, por outras vezes, surpreendentemente, são introduzidos na relação transferencial, endereçados ao analista. Assim, esses sujeitos demonstram que estão na linguagem e produzem, à sua maneira particular, um enlaçamento.

Penso que isso se revela nas vinhetas clínicas que trago e que ocorreram em momentos diferentes do tratamento e da vida de A. C. Ela era uma criança que não falava nada aos três anos e meio. Sua mãe descreveu, na entrevista inicial, sem reconhecer, uma série de comportamentos autísticos típicos: não fala nem demanda nada, evita a troca de olhares, parece olhar para o vazio. Se alguém se posta na sua frente, ela não desvia o olhar, mas parece não notar a pessoa: seu olhar atravessa. Pequenos balanceios de corpo, atraso geral do que é esperado nas etapas de desenvolvimento. Ela não tinha ainda o controle dos esfíncteres. Além de mutismo, imobilidade. Ela ficava estática onde era colocada. Andar precário, incerto, sem rumo nem objetivo. Ela acabara de entrar para o maternal em uma escolinha do bairro e, como ela não interagia com as outras crianças, nem fazia o que a professora lhe pedia, orientaram a mãe que procurasse um tratamento psicológico para a criança.

Nesse novo espaço, o do tratamento, ela fica, inicialmente, como uma boneca, onde a mãe a deixa. Eu falo com ela, mostro alguns brinquedos na sala. Aos poucos, ela entoa sons variados e sincopados, dirigidos ao vazio. Não parecem balbúcio, mas sons entrecortados, ininteligíveis, escandidos em uma certa ordem e repetidos. Mais tarde, vou poder reconhecer nisso os sons e as palavras de uma música a partir da qual será possível recriar e recortar alguns significantes. Alguns meses depois, ela se apresenta repetindo os finais das palavras de algumas frases entoadas. O “bens” de parabéns. O “ê” de você... poucos recortes de alguns significantes, não de todos, nem de todos os finais de frase. Sobretudo, ela disfarça o quase nada que ela fala, restos de músicas infantis que, eu penso, ela tem ouvido na escolinha. Entretanto, quando eu a “entendo” (como se eu tivesse que encontrar a palavra do som sincopado), verifico um ligeiro alívio, seu corpo se destensiona levemente. Nenhuma demanda. Parcos imperativos, os ecos ou as entonações recortam ou desfazem o sentido de uma palavra, mesmo que eu a reconheça. Sabemos que todo esse trabalho do autista é para evitar que se revele a face mortífera do significante, em que a palavra mata, substitui a coisa. Eu a acompanhei por longo tempo nesse processo, modulando minha voz, alternando a direção do meu olhar e manifestando meu interesse discreto por qualquer coisa que ela pudesse dizer. Tentando não ser invasiva, pois ela se desviava. Fazendo o que funcionava quase como um trabalho de tradução, tentar reproduzir, “na minha língua”, o que ela estava a repetir, a repartir e a esconder, e, portanto, era eu que estava submetida a uma suposição, e sabemos que sustentar a dimensão de suposição se revela crucial na condução do tratamento desses sujeitos.

Observo, por exemplo, o efeito da ecolalia que ela começa a apresentar: a escola e os familiares pensam que ela está finalmente “aprendendo a falar” e investem nisso, dirigindo-se a ela e se diver-

tindo com isso. Quando descobrem que ela permanece na mera repetição, há uma grande decepção. Ela, claramente, reage a essa decepção com grande tensão corporal e vazio. A escola começa a criar “condições” para sua permanência e sugere uma escola especial.

Voz e fezes

Um dia, eu escuto “I - ti - na”, por trás da porta, a voz dela como uma campainha que toca as sílabas de meu nome. É a primeira vez que a escuto me chamando, algo espontâneo da parte dela; ela já não está ligada somente à *lalangue*, à ecolalia, apesar de isso continuar, certamente. Trata-se de um primeiro endereçamento claro.

Ela chegara cedo para a sessão. Peço ao paciente que estou atendendo um momento, abro a porta, ela está ao lado da mãe. Digo-lhe que ela chegou cedo, peço que me espere um pouco e fecho a porta. Quando termino a sessão do outro paciente, a mãe me avisa que ela fizera cocô na fralda, agachada, rente à porta. A mãe entra e vai trocá-la no banheiro, o que leva um tempo enorme. A. C. não coopera, dificulta os cuidados maternos, há angústia, há um tumulto. A mãe passa a entrar em todas as sessões, e isso se vai repetindo indefinidamente.

Penso: um primeiro endereçamento... e tudo se perde? Passa algum tempo até que eu avance na minha formação e possa lhe dizer: “Que ela não precisava me entregar nada de seu corpo para entrar no meu consultório e ter sua sessão”. Eu lhe disse isso, dirigindo-me a ela, antes que o tumulto recomeçasse. Disse-lhe também que ela, das próximas vezes, iria chegar, me chamar, esperar um pouco, e, quando chegasse a sua hora, eu iria abrir a porta e ela teria a sua sessão; também lhe falei que eu não exigia nada de seu corpo, que ela realmente não tinha que me entregar nada do seu corpo para que isso acontecesse.

Tratou-se de uma intervenção calculada, resultado de muitas leituras e supervisão, mas sem muita esperança de minha parte.

Mudei o tom de voz e falei muito séria e claramente, uma única vez. Ela ficou muito quieta, eu interrompi a sessão. Na semana seguinte, a mãe me anuncia que ela não iria mais precisar usar fraldas, que, agora, estavam sempre secas e limpas. Tinha parado de fazer cocô, frequentemente, e a escola havia notado isso também. Ela estava começando a aprender a usar o banheiro da escola, condição para que ela permanecesse lá. Confirmo Lacan: ela estava na linguagem, mas sob o império do real. Ela, dessa vez, me chamou, eu abri a porta e a fechei, pedindo que ela me esperasse. Ela nada entende sobre esperas ou intervalos. Diante disso, ela passa a produzir, a extrair algo do seu corpo, para garantir minha presença e sua sessão. Foi preciso interditar esse imperativo superegoico que podíamos supor que lhe exigia isso (pois ela o atuava), intervindo sobre o seu Outro que lhe exigia tanto.

Olhar

Percebo que ela se posiciona sempre ao meu lado e, a princípio, eu penso se seria uma estratégia dela para evitar meu olhar. Ela, ao mesmo tempo, anula e aceita, suporta minha presença. Nessa época (por volta dos seis anos), ela havia elegido dois bonecos do meu consultório. É um acaso que eu tenha esses dois, que são similares e figuras conhecidas dos quadrinhos brasileiros, Mônica e Cebolinha; bem mais tarde, ela irá nomeá-los: “Mônica e Mônica”, para que eu entenda bem que se trata do mesmo, do duplo, e não de uma dupla. Inicialmente, isso se torna, por muito tempo, o seu objeto de interesse exclusivo, e ela “brinca” com eles de uma forma particular: colocando-os lado a lado, ela entoia uma musiquinha, percorrendo todo um trajeto que recobre o chão da sala, até que ela própria se posta ao meu lado, braço com braço, e cessa o percurso.

Nessa posição, não me lembro bem como começa uma brincadeira de corrermos, lado a lado, de uma parede a outra do con

sultório. Nessa época, já não anoto as sessões, pois elas são de uma grande estereotipia. Ela não suporta mudanças. Verifico, entretanto, que ela suporta algumas das minhas pequenas ousadias, ao alterar mínimos detalhes da brincadeira, pois acho que ela percebe meu cuidado ao fazer essas modificações.

Depois de um tempo, eu agrego à corrida uma escansão, “Um, dois, três e já!”; mais adiante, “Um dois três e... já!”, “Um dois três e..... já!” – vou alongando o intervalo. Aos poucos, e depois, surpreendentemente, ela se apropria do ritmo, e é ela quem começa, do seguinte modo: eu conto 1, 2, 3... e ela é quem diz “já!”, decidindo o limite do intervalo e correndo comigo ao seu lado. Reconheço um certo imperativo no “já!”, mas ela está, evidentemente, um pouco mais à vontade, mais menina e menos boneca, embora continue com uma tensão corporal relevante.

Todavia, há uma temporalidade, um ritmo e um intervalo dos quais ela se apropria. Aproveito esse ligeiro distensionamento da brincadeira, e, em um dia em que ela diz “já!”, eu permaneço parada e a deixo correr sozinha para a outra parede. Cinco passos depois, ela percebe a minha falta, vira-se, e ficamos uma de frente para a outra, e não mais lado a lado. Eu registro a surpresa em seu olhar, fixo em mim, e sustento esse encontro. Apoiadas sobre o fosso, na linha tênue do olhar, eu me apresso e digo “já!”. Ela corre em minha direção, mas eu corro também, passando por ela, até a outra parede, sustentando a travessia do fosso. Há corte e recuperação do olhar, quando nos viramos, e, mantendo a distância e o desencontro, retornando e capturando, agora, ainda mais uma vez, registro uma nova surpresa no seu olhar. Ela solta um riso breve, quase um grito, quase um susto, mas alto e claro, espontâneo, algo inaugural. Digo outro “já!”, e ela corre... Ainda trocamos de lugar algumas vezes, ao som de alguns “jás!”, seu olhar intenso, mas divertido e surpreso. Eu também me sinto alegre pelo meu improviso e entusiasmada por ela ter podido sustentar esse jogo, suportar um deslocamento. Passa pela minha cabeça que ela, mesmo surpreendida, e talvez por isso mesmo,

pôde sustentar o jogo, um desencontro, um distanciamento mínimo, uma brincadeira que não a imitação e controle em paralelo.

Trata-se de uma perda? Não exatamente. Nenhum significativo vem amarrar, enlaçar o evento. Recolho uma temperança no campo da angústia e dos imperativos mudos que a submetiam aos rituais, às repetições, que garantiam a imobilização do Outro, na sua defesa contra os signos da presença e do desejo do outro. Nós duas nos surpreendemos. Ela estava novamente ao meu lado, quando abro a porta da sala. Ela estava ao meu lado, como sempre, mas algo já havia mudado.

Realmente, observo que algo do jogo e de um leve entusiasmo passa a fazer parte de sua vida: ela participa mais dos recreios na escolinha que a acolheu, embora as outras crianças a considerem “carta branca”, pois ela não incorpora as regras do pique-esconde. Mas, também, ela não fica mais excluída dessa brincadeira. Na verdade, ela se inclui, à sua maneira: não há algo do *fort-da*, ela não se esconde, ela espera a contagem do pique, correndo em direção a ele. Ela já corre com as outras crianças, embora não exatamente como elas, e, algumas vezes, ela se extravia.

A entrada de sua irmã mais nova para a escola revela aquela que se tornará o apoio, sob a forma de um duplo, que essa criança escolherá para avançar um pouco mais em sua inserção. Pois ela não se apoia nas demais crianças, fazendo um uso especular. Penso que essa escolha de alguém para o papel do duplo toca a dimensão significativa. Essa irmã tem como sufixo de seu nome o primeiro nome de A. C. Ela, claramente, investe essa irmã de modo diferenciado das outras crianças. Segue a irmã por toda parte e obtém alguns ganhos no desenvolvimento. Mas a irmã avança na escola, e ela fica retida, pois não aprende a ler. Alguns anos mais tarde, em função de uma série de eventos, essa irmã não consegue mais sustentá-la em seu grupo de amigas, e A. C. perde essa referência.

Surge, então, todo tipo de estorvo no seu comportamento, até então contido e estereotipado, e também, na escola, ela apresenta

sua decepção e contrariedade quanto à exclusão, ficando extremamente agitada. O exemplo mais claro disso aconteceu quando a escola a excluiu do palco, na festa de celebração de fim de ano, supondo uma deficiência mental e apostando que ela não perceberia. A mãe se angustiou profundamente, ao perceber que ela sabia da exclusão e sofria com isso. A. C. deu trabalho para a professora que ficou encarregada de “segurá-la”. Depois disso, ela passa a frequentar uma escola especial. Mas não aprende a ler. Mantém a ecolalia. Ela passa a formular algumas demandas simples e precisas, identifica e nomeia os colegas e chega a fazer a inversão pronominal eu/você, em momentos particulares. Ela se mostra relativamente bem-humorada, embora não incorpore as regras dos jogos e brincadeiras, imitando vagamente o comportamento dos colegas. Ela demonstra a importância da fixidez da sua rotina, desnorteando-se e tornando-se agitada c, por vezes, agressiva, durante o período de férias escolares.

A boca

Apresento, a seguir, mais uma vinheta que caracteriza como, mais tarde, A. C. passa a se utilizar de sua análise. Essa vinheta diz respeito à boca como borda que barra a ação do outro que lhe nega a dimensão subjetiva, objetivando-a e revelando seu gozo caprichoso. A. C. se depara com um outro que a trata como um buraco a ser preenchido. Esse encontro desencadeia nela uma série bulímica que ela irá interrogar em sessão, isto é, sob transferência. Mas isso em nada simplifica a forma como ela decidiu fazê-lo.

Por volta de seus nove anos e em função de a mãe ter conseguido um novo emprego, ela passou a comparecer às suas sessões acompanhada por uma babá. Era uma moça jovem e, principalmente, não parecia preocupar-se muito com sua tarefa. Em pouco mais de um mês e pela primeira vez na vida, percebo em A. C. uma alteração em seu peso. Ela havia engordado rapidamente, as roupas não lhe

cabiam. Vinha com o zíper da calça aberto, pois esta já não fechava na cintura. Estava novamente tensa e mais quieta. Eu estranhei uma mudança de corpo tão repentina e comecei a questionar do que se tratava, observando que a única alteração, na sua rotina, era justamente a presença da babá.

Surgiu uma oportunidade de falar com os seus responsáveis, e logo pedi ao pai que a acompanhasse à sessão na semana seguinte. Ele a traz, e ela se apresenta ainda mais rígida que o habitual. Logo que damos início à sessão, para no meio da sala e me olha diretamente com um olhar de interrogação. Então, ela faz um movimento de contração abdominal, abrindo mais os olhos e a boca. A. C. produz, então, uma papa que começa a sair de sua boca. Trata-se de comida (uma espécie de purê com arroz que claramente não foi mastigado nem digerido). Noto que não se tratava da ação violenta de um vômito, embora houvesse esforço evidente. “Extração” foi o significativo que me ocorreu nesse exato momento. (“Ela não está vomitando, ela está extraindo algo de dentro dela” – pensei). E, então, ela parou; mas, de repente, “entalou” e começou a sufocar, paralisada. Eu a enlacei pela cintura com um braço, apertando seu estômago, e com a outra mão, eu abri a porta e chamei seu pai. Ele tomou meu lugar na massagem de apertar o diafragma, e eu disse a ela que íamos ajudá-la a tirar aquilo que ela mesma estava tentando arrancar. Inseri meus dedos em sua boca e fui extraindo alguns pedaços. Ela melhorou, conseguiu respirar e, como se nada tivesse acontecido, foi novamente para o meio da sala e continuou me olhando interrogativamente. Perguntei o que ela tinha almoçado, e o pai me disse que a babá tinha dado comida para ela na boca, para não se atrasarem, e que, há algum tempo, ela estava comendo sempre tudo que se encontrava no prato. Ele diz que A. C. realmente já comia sozinha, há muito tempo, mas nem sempre comendo tudo, e quase sempre fazendo uma bagunça enorme. O pai relata que, com a babá dando-lhe comida na boca, ela comia mais rápido, sem bagunça, e não deixava nenhum resto no prato.

Pedi ao pai que a aguardasse na sala de espera, pois eu tinha algumas coisas para falar para A. C., que continuava no meio da sala, dirigindo seu olhar de interrogação para mim. Eu a convidei para sentar-se, porque eu estava pensando umas coisas que eu queria dizer pra ela. Então, eu falei, longamente, sobre o que eu achava que tinha acontecido ali. Falei-lhe calma e pacientemente, mesmo porque eu estava construindo um pouco a história enquanto eu falava. Disse que ela me tinha mostrado uma coisa muito grave que estava acontecendo, diante da qual ela não sabia o que fazer. Que o problema parecia ser que, embora ela já soubesse comer sozinha, a babá estava amassando a comida como se ela ainda fosse um bebê e dando para ela na boca. Ela, então, estava só abrindo a boca e deixando a babá pôr a comida lá dentro. Falei que a boca não era um buraco para ser preenchido. Que a boca abria e fechava, podia servir para comer, mas também para falar ou cantar e muitas outras coisas, como ela já tinha feito muitas vezes. E, além do mais, ela estava-me mostrando que nem mesmo mastigava, porque aquilo era uma papa, um purê amassado. Mas que ela sabia que isso não lhe estava fazendo bem, e, exatamente, por isso, ela tinha-me mostrado, ao colocar para fora o que havia engolido. Assegurei-lhe que, dessa forma, ela, de fato, havia conseguido demonstrar o que se estava passando com ela. E que eu percebi que ela estava, desse modo, perguntando-me o que fazer. Então, disse-lhe que ela não tinha que aceitar tudo o que lhe enfiavam pela boca. Que ela podia, por exemplo, fechar a boca, se ela quisesse, mas só se ela quisesse! Que ela podia comer o que ela desejasse, mas só se ela realmente desejasse. E mais, na quantidade que ela aguentasse; ela, definitivamente, não era obrigada a comer tudo. Ela podia parar. Fechar a boca. (Fiz a mímica). Dizer “não”. Balançar a cabeça, dizendo não. Comer só o que ela quisesse. Nada mais. Além do mais, ela podia voltar a comer sozinha, sem a babá, porque ela já havia crescido o bastante para isso, já sabia fazer muitas coisas. Por isso, ela tinha me mostrado o problema que estava enfrentando e que eu iria falar com seu pai que ela não precisava da babá para comer, e que a babá estava proibida de dar comida para ela na boca, e pronto!

Ela me olhou diretamente e ficou mais à vontade na cadeira. Ela claramente estava aliviada com o que eu lhe dissera. Eu também estava aliviada, por ter conseguido dizer algo em uma situação tão difícil. Em pouco tempo, ela voltou ao peso normal, que ela sempre tivera. Eu marquei um horário para conversar com os pais, a fim de tentar explicar para eles que esse tipo de pessoa que a anulava como sujeito, que considerava que ela era mero objeto de cuidados, mero buraco a ser preenchido, instaurava um impasse para A. C.

Com isso, observa-se que essa paciente começa a usar os encontros com o analista para expor certos embaraços com que se depara em sua vida. As situações invasivas sempre produzem um impacto importante sobre ela, e é preciso reconstruir, a cada vez, sua posição frente a elas. Depois disso, ela, que já não frequentava tão assiduamente sua analista (ela fazia uma sessão por semana), embora demonstrasse sua transferência, falando seu nome nos dias e horários que correspondiam às sessões a que faltava, mantém uma rotina na escola e em casa.

Espero que essas vinhetas possam ressaltar a importância de se sustentar a dimensão subjetiva de uma criança em tratamento. Que ela não seja tomada como objeto, seja de cuidados, seja como objeto a ser contido, sedado ou isolado. Percebemos, com o percurso da análise e por seu encontro com um analista, que A. C. pode sustentar sua condição de sujeito, fazendo vacilar sua submissão frente ao encontro com o gozo caprichoso do Outro.

Participação dos Cartéis

Comentadora: Heloísa Telles

Heloísa Telles – Foram muitas as questões dos cartéis sobre esse caso, a maioria centrada sobre o trabalho de construção, de invenção da borda e com o objeto. O trabalho do analista seria elucidar as bordas inventadas pelo sujeito via transferência, para dar conta do espaço entre os corpos, ou podemos tentar entender como esse espaço foi cavado por meio do trabalho com os objetos? Objetos voz, fezes e olhar. No entanto, a invenção também recai do lado do desejo do analista, como as vinhetas demonstraram.

Dessas vinhetas, duas passagens foram recortadas: a da corrida e a do olhar, em relação às quais Cristina Vidigal diz: há corte e recuperação do olhar. A pergunta é: poderíamos dizer que há retorno do gozo? Que, agora, há uma borda, pois o corte e a recuperação permitem a sua construção? Ou há a recuperação do gozo, de uma outra maneira?

A segunda pergunta seria: qual o cálculo do analista nesta intervenção: “Não precisa me entregar nada do seu corpo...”, se levarmos em conta, como disse Laurent, em seu último livro, que o autista apresenta uma relação com o corpo livrada de todos os órgãos e de trocas possíveis? Como Cristina Vidigal calculou e entendeu essa intervenção?

Há outras questões, ainda: pode-se falar, nesse caso, de uma extração do objeto, que permita a construção da borda? Há também indagações sobre os efeitos da palavra do analista sobre o corpo do sujeito e ainda a pergunta acerca da angústia primordial – o que seria a angústia primordial, nesse caso?

Público – E o circuito pulsional?

Heloísa Telles – Esse também é outro ponto a se explorar, são inúmeras as questões, e convidamos os cartelizantes que estão aqui a participarem da Conversação.

Éric Laurent – Trata-se de um trabalho muito impressionante, muito impactante, é o caso mais grave dentre os apresentados até agora. Se se compara A. C. com João, que tinha três anos também, vemos que se trata de um autismo mais grave e impactante. Tivemos a oportunidade de acompanhar um painel bastante amplo do autismo, nesta reunião de trabalho: 3 anos, 13, 18, até 21 anos, e com uma variedade de instâncias que vale a pena destacar. O fato de que seja um caso tão grave também nos permite verificar o funcionamento particular do objeto oral e anal em relação ao analista.

O que é impressionante de se destacar, nesse caso, é a relação com a analista, pois Cristina Vidigal consegue introduzir o objeto oral e anal nas sessões. Isso não estava dado de antemão, havia que se inventar. O que é muito impressionante é sua maneira de inventar coisas, sob medida, em situações angustiantes com a criança. Encontrar maneiras de fazer algo com isso. Lacan o disse de maneira ampla: o analista tem que fazer dos impasses soluções. Constatamos isso em todas as situações do tratamento analítico, seja neurose, psicose, autismo, embora sempre de uma maneira muito distinta. Nas neuroses, temos que fazer dos impasses transferenciais uma solução; já nas psicoses, os impasses se apresentam de outra maneira, pois, nelas, a transferência sempre assume um tom erotômico, diante do qual também precisamos encontrar uma saída.

Quero enfatizar um primeiro ponto, relativo à instância anal: vemos como a menina entrega o objeto anal de uma maneira que Cristina reconhece muito bem, distinguindo, nessa atitude, esses imperativos de gozo superegoicos, que se traduzem pela entrega de algo extraído do corpo. Isso difere bastante da maneira como João entrega um objeto, com um matiz e uma cessão de gozo que são muito distintos da que é incorporada na análise. É diferente a cessão de objeto sem cessão de gozo. O que se dava, nesse caso, estava mais sob o imperativo superegoico maciço, sem nenhuma interlocução.

Isso é muito diferente de ceder um objeto, dirigindo o choro ao analista, ou, com o analista do outro lado da porta, se não a abre imediatamente, produzir esse objeto. E fazer A. C. entrar com seu cocô dentro do dispositivo, dentro da interlocução, não é um diálogo, mas, exatamente, uma interlocução. Além disso, fazê-la entrar e manter a mãe do outro lado da porta é uma aposta que não se sabe no que vai resultar.

Mais tarde, quanto ao objeto oral, há uma sequência ainda mais impressionante, em que foi necessário inventar, pois não é comum, quando se tem uma criança que faz “Argh!”, que um analista ponha a mão dentro de sua boca para arrancar o objeto. Comentei algo parecido em um caso apresentado por Maria d’Espanha. Ela teve que extrair o objeto da criança para que não se sufocasse com algo que tinha engolido, a analista teve que intervir. Depois, o menino repetiu essa cena, mas de uma forma em que foi possível encaminhar o trabalho com a borda oral de uma maneira inteiramente nova. O que foi uma extração de um doce com essa criança é diferente do que temos aqui. O caso dessa menina impressiona pela presença do cocô e do vômito.

Em relação ao olhar, é importante sublinhar também a dimensão de invenção, pois vemos o que é passar do plano sagital ao plano, digamos, vertical. Pensar na invenção da criança com Cristina Vidigal. Quando a analista se dá conta dessa maneira da menina de se apresentar ao seu lado, inventa um jogo de ir de um lado a outro, no plano vertical (de pé), e não horizontal. Depois de entrar nesse jogo, trata-se de criar esta outra invenção: do intervalo e do “já!”, interessante, e passar aos planos de cruzar e do olhar. São invenções que devemos levar em conta e que podem dar ideias àqueles que se ocupam de crianças assim.

Trata-se, ao mesmo tempo, de dar ideias de como “ser disponíveis a”. Diria que se reúnem disponibilidade e ideias, que são, realmente, invenções, mas que não têm nada de arbitrário, que não são caprichos nem protocolos. Trata-se de tomar o *Kairós*, de uma

possibilidade, de um esboço de jogo que há na criança. Tomar o *Kairós* e desenvolvê-lo depois. É, ao mesmo tempo, disponibilidade, intervenção e presença constante. Não é ser um analista que espera, não é ser um analista que está calado, morto, esperando não sei o quê, que se manifeste o desejo do outro, e blá-blá-blá, não. Trata-se de um analista constantemente presente e inventivo. Inventivo tanto aqui, com autistas, como diante das interpretações complicadas que se fazem nas neuroses, etc.

Surgiu, nos cartéis, a pergunta sobre o que é a transferência e o que é a interpretação em um caso de autismo. Mas se vê, mesmo em um caso tão grave assim, o que é uma interpretação: é dizer “um, dois, três e... já”! Depois, passar a uma dilatação do tempo – isso é uma interpretação. Uma interpretação é, depois que nos damos conta da posição da criança, passar à invenção de um novo jogo.

O que é a transferência? A transferência se mostra no fato de que uma criança autista, tão grave, nessa idade – se alguém lhe fala sobre seu cocô (como Cristina o fez) – possa ouvir o que o analista tem a lhe dizer e, depois de uma sessão assim, não fazer mais cocô na escola, como antes. É incrível, e de coisas como essas não é, jamais, um comportamentalismo que pode dar conta.

Contudo, trata-se de crianças que necessitam de uma intervenção constante, e vemos que podem ocorrer discontinuidades. Mas, também, em casos tão graves, é importante considerar que não se pode fazer milagres. Cristina nos demonstra, de uma maneira muito comovedora, a iliteração: ela não pôde aprender a ler. Que idade ela tem hoje? 17 anos? Não aprendeu a ler. Um limite importante. Um limite que, mesmo com a ida à escola, com a não separação do corpo da irmã, não pôde ser transposto. Percebemos, aqui, um funcionamento da instância da letra muito diferente do que aconteceu nos outros casos. Entendemos que, para A. C., algo permaneceu fechado, mas, ao mesmo tempo, pode-se notar como, apesar da não introdução da instância da letra, no sentido da leitura, houve uma introdução dessa instância no sentido de uma regulação das bordas.

Além disso, o que se conseguiu quanto aos níveis oral e anal e relativamente ao olhar é algo que parece que salvou a vida dessa criança em um determinado ponto.

Cristina Vidigal – Ela chegou a reconhecer, por um momento, as letras do seu nome, mas, finalmente, ela nunca aprendeu a ler. Principalmente quando ela foi encaminhada para uma escola especial. Ela esteve em mais de uma escola especial e, inclusive, em uma que acabou por sofrer uma intervenção do governo. Essas escolas acolhem todo tipo de crianças e, no Brasil, infelizmente, muitas vezes, tornam-se verdadeiros depósitos, inclusive, de professores, que têm pouca formação especializada. Escolas que, muitas vezes, no máximo, as acolhem e tentam produzir alguma socialização.

Éric Laurent – Vemos que, por isso, se justificam as demandas das associações e dos pais quando tratam de exigir dos poderes públicos que as crianças não sejam simplesmente entregues a escolas especializadas, particularmente, depósitos. E, efetivamente, os pais têm razão em lutar para que as crianças tenham um lugar e atendimento em escolas adaptadas, mas com crianças com as quais elas possam se identificar, e que saibam que o peso da identificação com o outro é crucial. E quando há separações brutais a partir da escola, como vários casos testemunham, parece-me que este é o tipo de coisa que devemos apoiar, sustentar: a ideia de fazer todo o possível para manter as crianças autistas com ajudas especiais em escolas integradas. Podemos verificar as consequências no fato de que não se pode superar o dano produzido nessa dimensão, seja por uma educação que fosse suplementar, ou como um apoio às sessões. Isso não é suficiente, apesar do trabalho impressionante que se possa fazer. Não é o caso. Há um real que devemos levar em conta e, com isso, fazer todo o possível para seguir em outra direção.

Ondina Machado – Eu gostaria de um esclarecimento quanto à maneira como o senhor usou a expressão instância da letra... Para exemplificar: o, a, a, ens, u, ê, e também, na última frase do caso de Cristina. Não sei se se trata realmente disso, mas o que entendi é que a instância seria o uso da letra como uma borda. Eu gostaria de entender melhor a maneira como o senhor está usando a palavra instância...

Éric Laurent – [...] Penso que é preciso entender e manter a localização dentro da cadeia significativa, e não pensar que se possa separar. Por exemplo: existem sujeitos autistas que não separam as cifras de uma cor, não separam os números de uma cor, fenômeno descrito no conhecido livro de Daniel Tannet, que se chama *Nascido em um dia azul*; a cifra de sua data de nascimento tinha, para ele, a cor azul, para ele, as cifras têm cor. Do lado das ciências cognitivas, inventaram e falaram de um transtorno que, provavelmente, se produz em uma conexão neuronal entre as zonas de cor e a das matemáticas, que faz com que sejam tomadas em uma conexão direta. São especulações metafísicas mais ou menos ligadas a uma experiência que não tem muita urgência, importância. Mas, para nós, psicanalistas, fica claro que o que parece o mais abstrato, o que não tem nenhuma significação, as cifras matemáticas, enfim, nós entendemos que, para ele, não eram separáveis de algo do corpo, do imaginário, da cor. Sabemos que as cores, nas diversas culturas, a antropologia social pôde constatar isso, a cor, precisamente, é algo que tem uma variação de uma civilização para outra, apesar de existirem cores primárias no mundo. Precisamente, essas cores primárias sofrem uma grande variação, em sua identificação, entre as diversas línguas e civilizações. De forma que não é tão óbvio, tão fácil, ligar, com precisão, um significante a uma cor. Enquanto que, para um sujeito como Tannet, algo tão instável como a cor, exatamente, ele a fixa e transforma a cor em uma *instância da letra*. Coisas perfeitamente separadas uma da outra: tal cifra, tal cor, tal outra cifra, tal outra... E, nesse sentido, per-

cebemos um bloco: a cifra e essa variável imaginária, inseparável do corpo, a cor.

Também há um fenômeno análogo, uma vocalização e um significante, em um modo de bloco Simbólico-Imaginário-Real, e se escolhem seus blocos, e é possível construir algumas cadeias de intercâmbio. Por exemplo, a menina do último caso, quando diz “I-ti-na”, a vocalização em jogo é crucial para construir essa interlocução. Essa interlocução que, imediatamente, cobra seu peso pulsional. Temos, prontamente, as suposições significantes, ou pré-significantes, “I-ti-na”, e o cocô, *plaf!*, cai, e se tem, se pode dizer assim, um bloco, um enodamento, um enlaçamento RSI forte. É preciso tratar de maneira a dar mais soltura a esse nó quando ele se apresenta fortemente apertado. Assim, trata-se de dar mais soltura, como o fez Cristina Vidigal, com essa intervenção que tentou separar a extração mesma do objeto anal.

O objeto anal, na sessão, em psicanálise, pode ser um sopro, um sopro pode ter esse valor. Não nesse caso, mas, quando se diz que se mobiliza o objeto anal nos tratamentos analíticos, precisamente, entendemos que não seja diretamente o cocô, a merda que cai do lado de fora da porta. Mas, nesse caso, a mobilização do objeto anal se faz nessa interlocução.

Tânia Abreu – O senhor concorda que a introdução desse objeto na sessão se deu por meio de um outro objeto que foi a modalização da voz? Pois Cristina diz que usou um tom sério, ela salienta isso, o tom da voz, que ela modificou. Também gostaria de perguntar se podemos pensar, no caso a caso, a vocalização dentro da cadeia como uma via para uma interpretação.

Cristina Drummond – Quanto a essa questão da montagem, esse tipo de aparelho, uma aparelhagem de gozo que aparece nos casos: penso que Laurent destacou isso muito bem, e é algo que considero importante e que, entretanto, é difícil entender. Quando to-

mos Temple Grandin e seu aparelho, fica, relativamente, fácil de apreender, mas, com esse tipo de invenção, como isso cria uma certa aparelhagem para o gozo? Eu gostaria de entender isso.

Éric Laurent – Temple Grandin é uma inventora. Inventou uma série de dispositivos que nos dá uma ideia do que é uma invenção autística, que pode, inclusive, ser útil. Útil não apenas para ela e que não são máquinas no sentido geral. São máquinas, mas também são objetos que são realmente vinculados a seu corpo. São verdadeiramente formas do objeto *a*.

Desenvolvi isso, este ano, para a publicação de um livro, em francês, sobre o autismo, *A batalha do autismo*, no qual pude dizer um pouco mais sobre isso, espero, de uma maneira mais clara. Temple Grandin deve publicar, dentro de alguns meses, seu livro, que se chamará *The autistic mind*. Deve ser interessante de ler para termos uma ideia de como um sujeito autista se representa, que mecanismo, enfim, como se considera a si mesmo.

A montagem: sempre devemos considerar a montagem que alguém realiza, isto é, a interação com sujeitos autistas sempre passa por objetos que são montagens RSI. É verdade que é somente com o último ensino de Lacan, que temos uma ideia, digamos, mais manejável do que são essas coisas. Por enquanto, ver isso como tendo uma topologia de enodamento, de enlaçamento, é suficiente. É preciso ver assim para ter ideias de como inventar algo...

Cristina Drummond – Quando, por exemplo, João põe o cinzeiro no olho, isso me chama a atenção. Há uma montagem a partir de um objeto, pode ser uma sombra para o outro, uma maneira de tampar o olho e uma maneira muito própria de cada um, como você está falando: há aí a presença de um Imaginário, mas também de um Real, e uma montagem distinta de como funcionam os objetos para o sujeito.

Éric Laurent – Vemos, por exemplo, com alguém que tem a instância que lhe dá o estágio do espelho, que é uma montagem Real-Simbólico-Imaginário. Temos a instância simbólica, o pai, ou a mãe, que leva o filho, há o espelho, há a criança que se vê e uma instância de autentificação que produz algo real, no efeito de júbilo, efeito de entusiasmo, na criança. Pode-se descrever o estágio do espelho como uma montagem RSI e que se enoda, que se enlaça, de uma certa maneira. Quando isso não funciona, então, efetivamente, vemos que esses sujeitos introduzem instâncias de regulação do olhar com dispositivos variados. Trata-se, a cada vez, de invenções desses sujeitos. De onde surgiu, para João, essa ideia de colocar esse objeto de cristal sobre o olho, de onde lhe vem isso... ou a R. o jogo de sombras? Tudo isso aponta, ao mesmo tempo, para algo relacionado à história, mas também está ligado à invenção e à contingência. Às vezes, não sabemos bem como se dá essa produção, mas o que é claro é que ela se produz a cada vez. A cada vez, de maneira distinta. O importante é que se produz, temos essas montagens e que dão as ideias de como intervir. Temos os inventos, pedaços de real, troços de real, diz Lacan, que são também montagens do tipo RSI e que devem ser colocadas em cadeias. Os casos apresentados testemunham como isso se constituiu em uma série e no espaço da sessão. Eles descrevem uma topologia tal entre sujeito e outro e mostram que constituem essas cadeias que se podem chamar também de “bordas sob transferência”, como disse Cristina Vidigal. Falar sobre transferência com esses sujeitos parece algo extraordinário, e creio que os casos apresentados mostram o que é isso.

Cristina Vidigal – Gostaria de responder à questão de Tânia Abreu. Na verdade, fui, aos poucos, intervindo e fazendo o que me pareceu possível, logicamente, a partir de muitas leituras, pois se trata de um caso muito grave. Não trouxe para essa apresentação nada a respeito da história prévia dessa criança e, em função do tempo, vou-me ater à sua pergunta específica que foi sobre a inter-

venção “Não é preciso que você me entregue nada do seu corpo para ter suas sessões”.

Tânia Abreu – O cartel fez essa pergunta sobre a intervenção: “Você não precisa me entregar nada do seu corpo para ter sua sessão”, enfatizando uma mudança no tom de voz.

Cristina Vidigal – Posso relatar como foi construída essa intervenção, pois há um tempo relativamente longo, alguns meses, entre o episódio em que ela me chama por trás da porta, pela primeira vez (ela tinha entre quatro e cinco anos e ainda usava fraldas), e essa intervenção, e, em seguida, sua consequência surpreendentemente rápida: usar o banheiro como as outras crianças da sua escola e nunca mais usar fraldas... Para mim, tratou-se de uma coisa realmente muito estranha que atravessou a porta, esse “I-ti-na”, pois eu estava atendendo outro paciente, quando escuto isso que eu não sei bem o que é, pois não consigo reproduzir para vocês, na medida em que era uma voz muito parecida com uma campainha. Parecia uma campainha e era meu nome, e, ainda, a novidade da voz dela, que eu nunca tinha ouvido antes. Ela só falara, até então, alguns “á”, “én”, “ô”, bem entrecortados. E, como analistas, vocês sabem que temos esse gosto pelo estranho, esse interesse pela diferença. Assim, eu me levantei e abri a porta, constatei que era ela (mas não sabia se chamar o meu nome era algo espontâneo da parte dela, ou se ela estaria repetindo a mãe...), enfim, pedi para esperar e fechei a porta. A mãe me conta, depois, que também se surpreendera com o fato de ela me chamar e que, depois que eu fechei a porta, ela saiu do seu lado, agachou-se junto à porta e, então, fez cocô. Depois, isso se torna uma repetição, um ritual, que dura meses.

Como qualquer psicanalista que atende crianças, eu já havia recebido essa orientação quanto a não manipular o corpo, ou oferecer os cuidados maternizantes, pois o analista deve sustentar um outro lugar, uma outra posição. Por isso, havia chamado a mãe para

entrar e cuidar da troca da fralda. Mas, ao mesmo tempo, eu havia criado uma situação complicada, introduzido a mãe nas sessões. Eu já havia anotado que a criança tinha acoplado voz e fezes frente à minha ausência e à minha presença, mas isso não constituía exatamente uma cena no estilo *fort-da*. Isso se foi repetindo, ritualizando-se, e eu fui ficando muito incomodada – o que fazer? Tive a oportunidade de fazer uma supervisão com Rosine e Robert Lefort, não só sobre o caso dela, mas levando questões sobre casos de autismo e psicose. Eu estudei a questão do objeto entre o sujeito e o outro, nos casos de psicose, sobre a função do imperativo superegoico, que eu poderia supor que ocorria com ela. Além do mais, ela dirigia isso a mim, ou seja, eu podia pensar que ela me colocava nessa posição de gozo exigente, extraindo algo do corpo dela para que eu abrisse a porta e ela pudesse ter sua sessão. Tratava-se de pensar então como me interpor contra esse imperativo e como me retirar dessa posição na transferência, construindo uma intervenção. Eu já acompanhava, imitava e falava para ela os “a, em, ôs”, sob um efeito, digamos, “especular”, o que havia permitido a ela sustentar, minimamente, um olhar rápido. Mas, para essa intervenção, e para estar fora do jogo do seu “blá-blá-blá”, eu mudei o tom da minha voz. Assim como um analista pode dizer a um neurótico “eu não te faço falar isso”, eu precisava inventar um jeito de demonstrar, de dizer a ela “eu não te exijo isso”. No caso dela, sem outras garantias, isto é, sem saber ao certo se ela iria entender ou em que medida ela acompanharia minha fala. Por isso, usei outro tom, não o tom de brincadeira, que eu usava, normalmente, com ela, mas um tom mais sério, de um dizer. Nessa ocasião, valia menos o que ela poderia entender e mais o que eu deveria falar, em função da posição de gozo em que ela se apresentava e também da posição de gozo em que ela me colocava, sob transferência. Esse foi o cálculo. Ela havia inventado e ritualizado essa maneira de garantir minha presença, fazendo existir, ou se submetendo a um comando de entregar algo do seu corpo após ter invocado meu nome. Um S1 e um objeto do seu corpo como que para

garantir que eu iria abrir a porta e ela iria me ver. Era preciso intervir contra essa exigência que ela me endereçava e que, na época, eu comparava àquela de Schreber, para que seu deus não se afastasse. Fiz a intervenção sem esperar muito, mas pude colher efeitos rápidos e surpreendentes. Pude verificar, ainda mais, o valor da teoria e da formação do psicanalista. Eu mudei o tom de voz, pois eu queria dar um outro tom a algo de um dizer, e obtive esse efeito impressionante, pois, em seguida, ela interrompeu o ritual, apresentando-se não mais submetida a isso, o que abriu o caminho para que ela fizesse o controle dos esfíncteres, como as demais crianças da escola, dispensando as fraldas e indo ao banheiro. Houve uma intervenção sobre o comando superegoico, e houve um apaziguamento no corpo.

Éric Laurent – Queria dizer algo mais sobre o que destaquei anteriormente, a respeito do fato de que ela não pôde aprender a ler. É preciso dizer que muitas crianças não podem ler. Sabemos que o iletramento não é limitado aos autistas. Na maioria dos países, temos cerca de 15% da população que não chegam a se introduzir na leitura. Sabe-se que, na verdade, é muito difícil dominar a leitura, e esse caso nos ensina isso, com ele, podemos observar o trauma que impediu essa entrada. Com outros sujeitos, é mais difícil verificar, e é preciso admitir que isso não se liga somente ao seu autismo. Isso está vinculado a uma montagem complicada e dá conta do fato de que muitos sujeitos não conseguem, finalmente, desenvolver essa habilidade.

Público – Com relação à questão do enodamento mencionado pelo senhor, gostaria de dizer que penso que, nesses casos, o que permitiu a invenção foi, também, a escansão, realizada por meio do estabelecimento de um intervalo, nos corpos, através dos cortes, da modalização da voz, do olhar, que puderam notificar isso que, às vezes, se repete, sem se considerar como uma invenção. Enfim, trata-se mais disso do que do recurso ao mito. O importante é se servir disso mais do que do pai. Trata-se do intervalo, ou de uma enuncia-

ção que é introduzida aí, de uma maneira diferente, no caso de Cristina Vidigal, com um tom sério. É se servir da escansão, do intervalo, do vazio... tenho a impressão de que seja isso.

Paula Borsoi – Vamos encerrar por hoje, e nós, da comissão nacional, vamos seguir com o trabalho, e vocês terão notícias do que irá acontecendo no Brasil, a partir dessa questão do autismo. Quando montamos a Conversação, não tínhamos ideia de que haveria essa abrangência, e, com os quatro casos, como Laurent sublinhou, tivemos um panorama muito importante, a partir seja das idades, das invenções e dos modos de montagens próprios a cada um. Eu penso que todo mundo pôde aprender bastante. Como, no início, não tive a oportunidade de nomear os cartelizantes que elaboraram as questões, vou fazê-lo agora. O Cartel EBP – São Paulo, “A clínica do autismo”: Rômulo F. da Silva (mais-um), Heloísa Prado Telles, Rosângela Correia, Siglia Leão e Valéria Ferranti. Cartel EBP – Santa Catarina, “Autismo”: Cínthia Busato (mais-um), Jussara Bado, Mariana Zelis e Marise Pinto. Cartel EBP – Bahia, “O que a orientação lacaniana trata como autismo?": Tânia Abreu (mais-um), Luiz Mena, Patrick M. A. Magalhães, Luciana C. Souza e Alice M. Cardoso. Cartel EBP – Bahia, “Autismo”: Célia Salles (mais-um), Analícea Calmon, Bernardino Horne, Fátima Sarmento, Mônica Hage, Lucy de Castro. O Cartel do Rio de Janeiro: Ana Marta Maia (mais-um), Ana Beatriz Freire, Astréia Silva, Jeanne Marie e Maria Inês Lamy.

Muito obrigada a todos e, em especial, a Éric Laurent!

Nota

¹ MALEVAL, J. C. (2009) *L'autiste, son double et ses objets*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, p.9.

Livros publicados pela parceria EBP/Scriptum:

TODO MUNDO DELIRA

Maria do Carmo Dias Batista e Sérgio Laia (Orgs.)

2010

LOUCURAS, SINTOMAS E FANTASIAS NA VIDA COTIDIANA

Éric Laurent

2011

SCILICET

A ORDEM SIMBÓLICA NO SÉCULO XXI

Vários

2011

AUTISMO(S) E ATUALIDADE: UMA LEITURA LACANIANA

Alberto Murta, Analícea Calmon e Márcia Rosa (Orgs.)

2012

O FEMININO QUE ACONTECE NO CORPO:

A PRÁTICA DA PSICANÁLISE NOS CONFINES DO SIMBÓLICO

Heloisa Caldas, Alberto Murta e Claudia Murta (Orgs.)

2012

A PSICANÁLISE E A ESCOLHA DAS MULHERES

Éric Laurent

2012

A PSICOSE ORDINÁRIA:

A CONVENÇÃO DE ANTIBES

Maria do Carmo Dias Batista e Sérgio Laia (Orgs.)

2012

VIOLÊNCIA:

SINTOMA SOCIAL DA ÉPOCA

Ondina Maria Rodrigues Machado e Ernesto Derezensky (Orgs.)

2013

O AUTISMO HOJE E SEUS MAL-ENTENDIDOS:

CONVERSAÇÃO DE SALVADOR

Ondina Maria Rodrigues Machado e Cristina Drummond (Orgs.)

2013

“A batalha do autismo, diz Éric Laurent, com quem temos o privilégio de conversar, hoje, sobre esse tema, é uma batalha pela diversidade. Isso porque o espectro do autismo é vasto, e porque é fundamental manter uma pluralidade de abordagens e uma interlocução ampla com pessoas vindas de distintos universos, tanto para as pessoas autistas, como para seus pais. Para nós, psicanalistas lacanianos, é uma batalha para dar lugar ao sujeito e para fazer a psicanálise conversar com outros campos de saber.

É também uma batalha para tornar evidente o que é a orientação lacaniana e, para além de seu aspecto ético e epistêmico, sustentar a afirmativa de que o autismo é um sintoma político de nosso século. Esta Conversação é, portanto, uma discussão que vai da clínica à política e retorna no sentido inverso. Ela toca o coração de nossa prática e interroga a contribuição da psicanálise à leitura desse real. Ela quer destacar o que é um tratamento psicanalítico de um sujeito autista e os efeitos que essa experiência produz.”

(Cristina Drummond)



9 788589 044660